Correio das Artes

Ano II *Número 45* **SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO"** *Sábado, 5-8-1950*

OS INCAS

HILTON MARINHO

II

O IMPÉRIO dos Incas, quando da invasão espanhola, se estendia ao longo da costa do Pacífico, aproximadamente do segundo gráu de latitude Norte aos trinta e sete de latitude Sul. Seus limites ocidentais seriam quasi os atuais das Repúblicas do Equador, Perú, Bolívia e Chile.

O aspecto topográfico da região, seu clima áspero e a pobresa do seu solo, desmentem categoricamente a afirmativa de Marshall em seus «Principles of Economics», de que «quasi todas as civilizações antigas nasceram em climas quentes, onde se necessita pouca cousa para viver, — e se formaram no mais das vezes, às margens de um grande rio». Aliás, o exemplo dos incas põe em situação embaraçosa aos deterministas que teimam em explicar as sociedades humanas por seu meio; para eles, o «habitat» dos suditos de Manco-Capac, não respondia favoravelmente aos requisitos de nascimento e vida de uma grande civilização. Sua existencia e grandiosidade é um desafio do homem a natureza, e, como bem salienta o professor Louis Baudin, «nenhum país do mundo parece haver merecido melhor, que esta altiplanície perdida no centro do imenso continente, o elogio que se acreditou necessário aplicar a Europa: ali tudo era inferior, excepto o homem».

A extensão territorial que compreendia o Império dos Incas, se situa em zona de pobresa quasi gritante. O que não é área costeira, uma faixa de terra espremida entre os Andes e o Pacífico, é a Montanha, a frieza glacial, ou enormes precipícios por onde rolam torrentes que ora nada fertilizam e se perdem muito longe nos pantanos da grande floresta amazônica.

Prescott descrevendo o aspecto do país, faz ressaltar a pobresa do solo peruano, bem assim as dificuldades que se amontoaram em face dos antigos incas, para a construção do Império e sua subsistência: «El aspecto exterior del pais no parece muy favorable a las operaciones de la agricultura, ni a las comunicaciones interiores. La faja arenosa que corre por la costa, donde nunca llueve, no recibe más humedad que la que le suministran unos pocos y escasos arroyos, ofreciendo un notable contraste con los vastos volumenes de agua que se desprenden de las laderas orientales hacia el Atlantico. Ni son más aptas para el cultivo las faldas de la sierra, cortadas por hondos precipicios, y masas destrozadas de pórfiro y granito, ni sus más altas regiones, envueltas en nieve que nunca se derrite bajo el Sol ardiente del Ecuador, y si sólo por la acción desoladora de los fuegos volcánicos». O próprio Prescott é quem salienta o fato dos índios apesar de todos os obstáculos, haverem vencido a ingratidão do meio: «y, sin embargo, la industria, o por mejor decir, el genio de los indios ha sido bastante para sobrepujar todos los obstaculos de la naturaleza».

Como bem salientamos, a costa peruana, região que se bem não muito larga poderia por sua topografia mais favoravel se adaptar a exploração intensiva da agricultura, é totalmente privada de chuvas. A corrente fria de Humboldt que corre de Sul a Norte, vinda das regiões pola-

Canção da Sêca

JORGE FERNANDES

ENTROU janeiro e o verão danoso
sempre aflitivo pelo sertão...
As cacimbas sêcas nem marejavam...
E o moço triste desesperançado
fez uma trouxa de seus terens...
De madrugada, sem despedida,
foi pra cidade...
foi pra São Paulo... pras bandas do sul...

E a moça triste
se amurrinhou,
ficou biqueira,
virou espêto
— ela que era um mulherão!

•

Até que um dia, já derrubada,
de madrugada,
sem despedida,
foi pra São Paulo... pra um São Paulo não sei [de onde...

res do Pacífo, tornando o mar mais frio que a terra, ao sofrer a ação dos ventos que sopram do Leste carregados de vapor, se desfazem em chuva sôbre a região amazonica, e ao se chocarem contra as frias cordilheiras, perdem sua humidade por influência da temperatura glacial. A' costa do Pacífico, só excepcionalmente chegam restos de chuvas, neblinas, que permitem o nascimento efêmero de uma parca vegetação.

O contrário se passa mais ao Norte do Continente, quando a corrente de Humboldt se desvia para os lados das ilhas Galápagos e o mar se torna mais quente que a terra, permitindo que as chuvas caiam sôbre esta, dando origem a exuberante vegetação das provincias marítimas da República do Equador.

Por isto, a costa peruana não oferece centros de vida senão nas proximidades das correntezas que descem dos Andes. Estes centros, como nos descreve o profssor Baudin, são representados «sob a forma de uma série de ricos vales transversaes, separados em seu nascimento pelos contrafortes dos Andes e logo por desertos que teem as vezes mais de cem quilometros de longitude».

Convém salientarmos em reforço da nossa crença e admiração no empreendimento dos habitantes do Perú antigo, edificando uma forma de civilização tão admirável como a dos Incas, que o berço daquela forma de cultura não foi a zona litoranea com os seus poucos porém férteis vales, e sim, o chapadão, «la meseta interandina», situada a uma altura que varia de 1.500 a 4.000 metros de altura.

Assim, salienta o professor Baudin, «El imperio se ha formado, no como lo imagina erróneamente Spencer, al dulce calor de los trópicos, sino más bien al soplo helado que viene de las cordilleras».

Como temos salientado, o enclaustramento por acidentes naturaes bem caracterisa o meio físico em que floresceu o Império dos Incas. O oceano, a cordilheira dos Andes e as selvas da vertente oriental da cordilheira, representam os obstáculos físicos que restringiam as possibilidades dos primitivos peruanos. A floresta levantava a Leste do Império «uma barreira tão difícil de transpor como os desertos e as neves, tão misteriosa como o Oceano». Desejamos salientar que os próprios espanhoes, mais senhores de recursos técnicos que os indios do Perú, não puderam durante largo tempo vencer as florestas, que permaneceram como obstáculo intransponível durante dezenas de anos.

Gonzalo Pizarro, o primeiro dentre os conquistadores que aventurou-se àquelas regiões inhospitas, vagou alí durante anos e perdeu mais da metade dos seus homens, regressando ao ponto de partida e se confessando vencido.

O professor de Dijon, frisa em suas observações, que «no existe, a decir verdad, linea fija de demarcacion entre las zonas: la sierra comienza allá donde cae la lluvia, y la montana allá donde cresce la selva; de hacho, uno se da cuenta del paso de la costa a la sierra por el cambio de los tejados, planos en la primera, inclinados en la segunda».

Esta disposição física do meio éra contrária ao estabelecimento de um Estado unificado e favorecia o regionalismo, bem assim a conservação das tradições sociais. Isto justifica a admiração quasi unânime dos tratadistas ao encontrarem em condições tão desfavoráveis, um Império bem constituido e de caracteristicas econômicas e políticas tão sólidas e definidas.

Concluindo nossas observações acerca do meio físico em que se desenvolveu a civilização dos imperadores Incas, vamos transcrever ainda do professor Louis Baudin uma descrição da «meseta», berço daquela civilização: «Assim, fora os raros valles disseminados aqui e alí, a «meseta» oferece o espetáculo mais comovador e mais desolador que se possa conceber. Do norte ao sul se estende, até o infinito, um oceano de hervas raquíticas, entrecortadas por manchas de lávras vulcânicas já petrificadas e semeado de rochas lançadas pelos vulcões. De leste a oeste, as duas cordilheiras prolongam até o horizonte, seus baluartes de rochas coroadas de neve. Nada anima esta solidão; nenhum homem, nenhuma árvore; apenas alguns mirrados arbustos rezinosos; poucos animais; alguns patos às margens das lagoas, falcões e o condor que descreve em circulos o seu vôo, além mui alto, no ar gelado».

Nesta paisagem de desoladora e grandiosa poesia, nasceu, desenvolveu-se e tombou ferida de morte, por mãos criminosas, a mais tipicamente americana de todas as civilizações.

Em continuação aos nossos comentários a respeito da civilização dos Incas, trataremos a seguir dos fundamentos economicos do Império.

A ARTE DE TRADUZIR

(Continuação da última página)

ser uma jóia da literatura alemã.

Já a correntíssima tradução da «Iliada», por Leconte de Lisle nada acrescenta à gloria do grande parnasiano. Nem há quem tolere os gregos vertidos e estragados pelo sábio humanista português conselheiro Viale!

E os cochilos dos tradutores! E' todo um rosário.

Plínio, o sábio romano, ao traduzir Demócrito, faz-lhe dizer que um cameleão se parece com um crocodilo, só por haver pensado que o «crocodilo» do original era crocodilo e não lagarto, como de fato era. Por sua vez, Du Pinet, ao traduzir Plínio, pensou em duas espécies de mármore referidas no texto latino — «lapis numidicus» e «lapis sinandicus» — eram duas famílias romanas.

O abáde Prevost, que era sujeito inteligente e andou exilado na Inglaterra, não desconfiando que no original de Towston a palavra bonnette era um têrmo marítimo para as velas menores, escreveu que o navegador ingles, não dispondo mais de velas, seguira viagem com um gorro ou casquete no mastro.

De La Place, na tradução da peça «Love last Shift», confundindo Shift, que significa expediente, com o vocábulo «shirt», verteu o título por «A última Camisa do Amor».

Mas nem os livros sagrados escapam: — todos vivemos a repetir a palavra de Jesus sobre o camelo que passaria pelo fundo da agulha, só porque o mestre disse na tradução grega Kamilos, isto é, cabo ou amarra, e o tradutor viu Kamelos, isto é, o corcovado bicho do deserto. Há uma relação entre cabo e linha de agulha. Mas o camelo com a corcunda e o mais adulterou e poetizou o texto.

MAR MORTO EM EDIÇÃO FRANCESA

MAIS um livro do escritor Jorge Amado foi traduzido para o francês. Trata-se desta vez do «Mar Morto», que acaba de ser entregue às livrarias francesas, editado pela CASA NAGEL.

A União

Fundada em 1892 — Patrimônio do Estado

Diretor — HILTON MARINHO

Correio das Artes

Orientação de EDUARDO MARTINS

João Pessôa — Paraíba do Norte — Brasil

TALENTOS MAL HUMORADOS

PIO BAROJA nos fala mal de todo o mundo

O «RINCÓN» de Don Pio Baroja em Madrid é uma casa de «classe média acomodada» que só tem uma deficiência, e grave, para o grande romancista: não está bem aquecida. E isto mantém, justificadamente, uma boina sôbre a cabeça do velho escritor. Quando êle mesmo nos abre a porta, fitamo-lo um momento. E' um velho robusto, enfronhado num sobretudo e parece algo mal humorado. A lareira de seu escritório acaba de se extinguir. E, em consequência, a primeira idéia que salta de sua mente não pode deixar de ser dolorosa:

— Agora que teria o direito de recolher o fruto de muitos anos de trabalho, é necessário que continue escrevendo para viver!

Trasladamo-nos definitivamente para a sala de jantar da casa, onde a lareira funciona bem. Don Pio senta-se numa poltrona, agasalha suas pernas com uma manta, e fala. E' sempre um prazer ouvir a palestra de um velho, prazer que devemos gozar a tempo, antes que a própria velhice nos prive dele. Falámos, naturalmente, sôbre literatura. Antonio Machado costumava dizer que ignorava os seus contemporâneos, o que era uma maneira de dizer que não o interessavam. Don Pio, porém, vociferava contra êles. E contra os que o precederam.

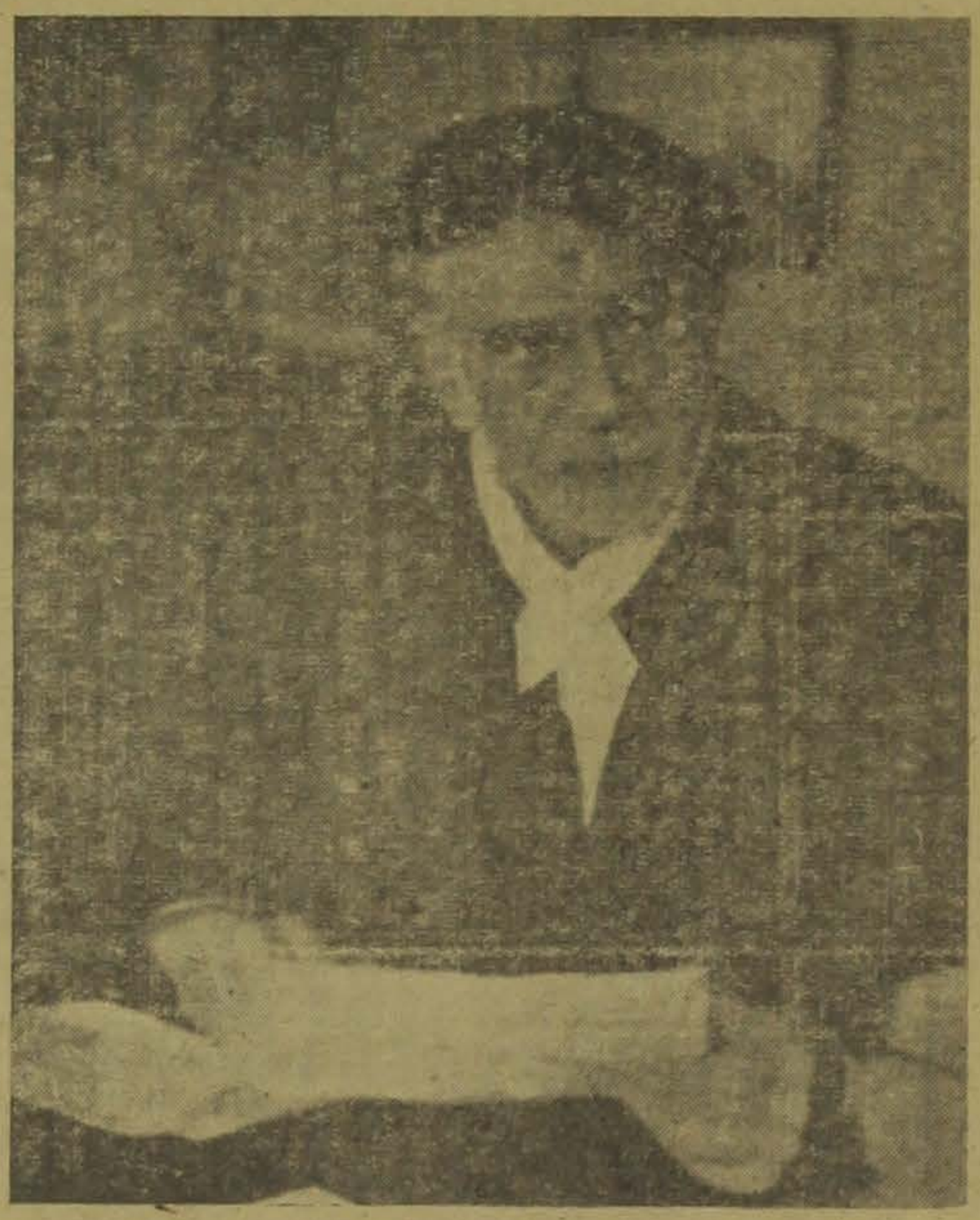
— O único grande — diz — foi Galdós. Mas era um burguês falso e aparatoso. Existem personagens de seus livros, como em «La família de Leon Roch», cujos discursos se estendem por quatro ou cinco páginas. Para ser um Dickens, como êle teria desejado, faltou-lhe ternura. Dickens foi um apóstolo. Galdós, por sua vez, não tinha ética. Em seus últimos anos deixou-se levar como um fantasma aos comícios republicanos que no fundo nada lhe interessavam. Contudo foi um grande escritor. Tinha, porém, enormes defeitos. Não gostava do campo, por exemplo.

— ?...

— Meus romances seguem a linha das velhas narrações, dos romances italianos, dos escritores castelhanos como Cervantes ou os romancistas do século XVII dos inglêses do século XVIII — como Fielding, por exemplo — e cujo último rebento foi o que gerou a Rússia no século passado. Releio todos os anos «A Guerra e a Paz» de Tolstoi e um par de romances de Dostoiewski. Os grandes romancistas russos do século XIX foram, com efeito, meus mestres. A Pardo Bazan e os de sua escola, repugnavam-me. Faziam literatura francêsa com roupagem espanhola, de linguagem arcáica. Blasco Ibañez é mais ágil, mas também grosseiro. Por outra parte, nunca me senti ligado a uma tradição. Quando moço fui a Paris á procura de um ambiente cosmopolita.

— ?...

— Não. Azorin não é romancista. Não é homem que repare no que acontece a seu redor. Nesse «París» que escreveu não existe um ser humano. Em París via-o passear, absorto, pelos cais do Sena... Não falava com ninguem. Eu, porém, fiz meu romance do Paris de 1940, meses antes da entrada dos alemães. Chama-se «El Hotel del Cisne».



PIO BAROJA

— ?...

— Unamuno também não foi um romancista. Era homem de poucas idéias mas que causava surprêsa e não deixava respirar. Um egoista que sempre estava se afirmando, que queria estar presente em tôda parte, escrevendo cartas, falando. Ao morrer perdeu sessenta por cento de sua personalidade que era a sua própria, em carne e ôsso. Lembra-se que cabeça pequena tinha? Parecia um pássaro. A esposa de Valle-Inclán não era nada diante da auto-afirmação de Unamuno. Um copo de água junto ao mar.

— E então, Don Pio?

— Sim, Azorin tem qualidades. Mas não é profundo. E Unamuno era um egoista.

Os velhos complexos da alma de Don Pio entrechocam-se. A palestra prolonga-se. Manda a cortesia não insistir. Mas Don Pio é um infatigável conversador.

— Ainda leio bastante. Gosto principalmente de relêr. Schopenhauer encanta-me. A Kant, pouco entendo. Não creio que tenha causado dano á Espanha o contacto com a filosofia alemã. Receio que do inglês apenas se nos tenha contagiado a maneira de vestir e a mania do chá. Teremos máquinas, porém com as idéias do século XVII.

Deixamos Don Pio Baroja com seu sobretudo, sua boina e sua lareira. Levamos no ouvido o éco de sua palavra franca, sã e «atípica», como dizem os psicólogos. E pensamos que tudo anda bem e tudo pode dizer-se sem grave dano quando dito com alegria, sem má intenção e por quem deixa após si uma obra literária indiscutivel e famosa.

A SONORIZAÇÃO NO CINE

GEORGE MATTOS

O Cinema não pode significar o divorcio da palavra. A sua evolução, como a mais rudimentar das expressões humanas, também teve na mímica a sua base como a dansa e o ritmo foram a primordial, de todas as artes. Isso no entanto, não vem significar que êle seja movimento em si.

Palavra e mímica são o conteúdo da arte interpretativa, a capacidade de expressão e contágio, na revivescência de personagens alheias à nossa própria condição humana, verdadeiros disparates entre nós e a imagem que damos vida.

Não nos admira que a personalidade máscula do Duque de Essex tenha sido revivida por temperamentos nitidamente feminís, sem que nos atrevamos constatar feminilidade na figura interpretada. A palavra e a mímica bem norteadas pelo sabor artístico, conduzem-nos ao alvo desejado. O bom artista portanto, está despido de suas condições particulares.

A decantada aversão entre Carlitos e o chamado cinema moderno, quando podiamos classificar de cinema evoluido, pois o modernismo está sujeito às mais abomináveis interpretações, não teve a sua razão de ser pelo simples fator: palavra. Carlitos nunca foi um mudo, e a sua gesticulação labial de acordo com os sons da palavra que desejava emitir, é o exemplo frizante de que ele, paradoxalmente, falava em cenas mudas.

Seria fugir da propria essência da arte de interpetrar se do contrário pretendesse fazer. Não é a bôa dicção, os bons trejeitos labiais com o emprêgo tendencioso ao sensualismo, que geram bons artistas. Não os podemos reduzir a simples astros de locução. Henriette Morineau é o exemplo de uma péssima voz que não desmerece a artista, pois, está bem positivada a sua capacidade de retirar o máximo para a glorificação de sua arte, além dos requisitos da beleza méra.

Carlitos portanto, não poderia ser, jamais, uma vítima de sua maneira de falar. O que Carlitos combatia como perigo iminente era a sonorização do cine. E aí estava a sua grande razão.

Os requisitos da mecânica, permitiram aos homens responsáveis pela técnica cinematográfica, as chamadas transições musicais, e com elas pretenderam tirar o que do artista corresponde. Conseguiram criar novas formas impressionistas, suplantando o som à vista, criando facetas que os requisitos da mímica e da palavra só poderiam oferecer quando estivessemos realmente ante um grande artista. Deram por conseguinte, possibilidades ao medíocre.

A comercialização do cinema, a necessidade da produção em larga escala, encontraram com a melosidade da sonorização, o caminho certo para as suas concretizações, dando ao espectador através do som aquilo que o artista não nos pode transmitir.

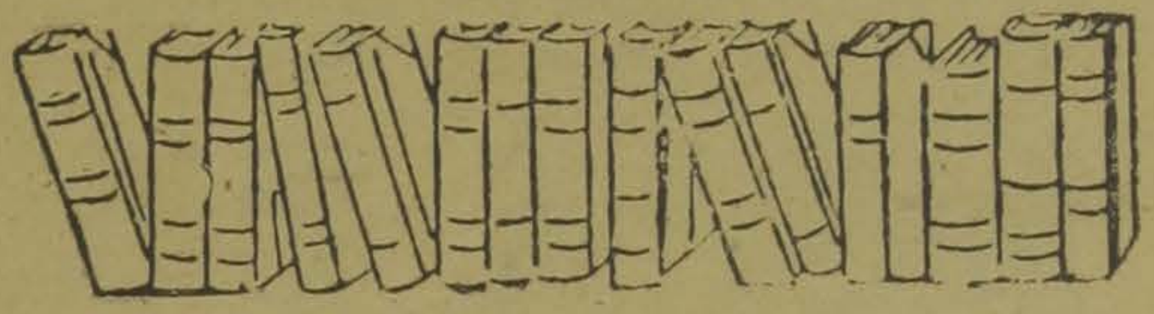
Seria debalde esperar-se uma transformação no sentido prático do cinema atual, pois, como arte nova de gerações presentes, o seu valor corrompedor já encontrou através de um terreno educativo, os seus ardorosos defensores, incapazes de enfrentar o retôrno a um cinema não sonoro, despido das cortinas e das transições musicais.

As expressões máximas da cinematografia atual, não poderam fugir ao atrativo que se lhes oferecia a mais das acessíveis artes: a música.

Olivier no «Hamlet» de Shaskepeare, quando interpretava o monólogo, «to be or not to be», sentiu a necessidade de adcionar a imagem do cérebro fotografada, os acordes de um crescendo musical. O próprio Carlitos com todo seu sentido conservador, em «Monsieur Verdoux», deixou-se levar pelos encantos da sonorização, e em uma das cenas que assassinava uma de suas esposas, preferiu deixar o ambiente vazio de qualquer personágem, dando ensejo à música para que levasse ao espectador, o todo de macábro que estava ocorrendo em um dos quartos.

Portanto qualquer tendência abolicionista da sonorização no cine, seria méra divagação, pois o próprio alevantamento espiritual do cine se nos apresenta como problema insolúvel ante à avareza que absorve a arte cinematográfica, presa aos interêsses evidentemente comerciais.

Nesse sentido só uma exceção, poderiamos registrar com o cinema francês; no entanto, por aqui ficariam as suas películas.



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

— "HEARTBREAKING HOUSE», **uma das mais deliciosas peças de Bernard Shaw, será lançada dentro em pouco pela Melhoramentos. Título em português: «Casa de Orates».**

— Mais uma obra de Flaubert programada pelas Edições Melhoramentos. Trata-se de BOUVARD ET PÉCUCHET. A mesma editôra já lançou daquele autor: SALAMBÔ e EDUCAÇÃO SENTIMENTAL. A sair, MADAME BOVARY.

— **SERTÕES E ÍNDIOS DO ALTO XINGÚ, mais um livro sôbre motivos indianistas e de devassamento na série da Melhoramentos. Autoria de Manoel Rodrigues Ferreira.**

— Moacyr Werneck de Castro assina a tradução brasileira de MAJOR BÁRBARA, de Bernard Shaw. A edição é da Melhoramentos que programou inúmeras obras do famoso teatrólogo irlandês.

— **Von Carolsfeld, famoso ilustrador alemão que muitos querem seja o sucessor de Durer, tem uma coletânea de seu trabalho máximo «A Bíblia pela Imagem» reunida pelas Edições Melhoramentos no volume «Quadros da Bíblia».**

— «Botânica Divertida», de Anísio Godinho, recentemente lançado pela Melhoramentos, é um devassamento dos prodígios da natureza, apresentado em moldes de pequenas surpresas. Inaugura, entre nós um novo sistema de ensinar.

— **«Valor», o famoso livro de Charles Wagner, obteve definitivamente a consagração do nosso público. Há pouco surgiu a décima edição brasileira, através da Melhoramentos.**

— «Mozart, o Menino Prodígio» é uma curiosa biografia escrita em moldes modernos, por Opal Wheeler e que as Edições Melhoramentos publicarão na sua série biográfica de grandes músicos.

REEDIÇÃO DE SOBRADOS E MUCAMBOS

JOSÉ Olimpio anda preparando nova edição de «Sobrados e Mucambos», do sociologo Gilberto Freyre, agora com ilustrações feitas pelo pintor Lula Cardoso Ayres, e acrescido de novos capítulos.

NO MUNDO DA ARQUEOLOGIA

WALDEMAR DUARTE

Temos, em nossa mesa de trabalho, um volume de «Artes Amerindias», de autoria do estudioso prof. Jorge Bahlis, que já publicou vários trabalhos de indiscutivel valor acerca da civilização amerindia, assunto que, a nosso ver, deve merecer a melhor acolhida possivel, vez que o seu conteúdo, genealógicamente ligado com a nossa cultura, oferece-nos um acervo importantíssimo no estudo de nosso passado remoto, se aceitarmos as hipóteses apresentadas pelos estudiosos, com relação á origem dos povos que residem no desconhecido, até que a argúcia dos árqueólogos os exponha á curiosidade do mundo. A edição é de 1938 e, nem porisso deixa de ser novidade para nós, interessados nesse assunto que, por sinal, tem poucos seguidores, visto tratar-se de matéria ligada ao passado e que não desperta, atualmente, interesse no espirito dos pseudos evolucionistas. E' assunto para as pessoas que pensam e veem nas cousas sérias, um motivo de menção na posterioridade, quando se relaxarem, cansadas le vôos gigantes, as asas das águias da era atômica.

..A arqueologia tem se debatido com imensas dificuldades para conseguir apôio dos poderes constituidos, não sabemos se somente pelo motivo das cousas do passado serem relegadas ao esquecimento, ou se pela falta de dados positivos na antecipação das descobertas efetuadas, vez que nem todas são por acaso.

A humanidade por uns tempos adormece, indiferente ás pesquisas cientificas e ás dádivas da natureza para, em dado momento despertar, arguciosa, indagadora, revolvendo a terra, percorrendo o mar e o espaço, em busca de saber e de inovações... Aí é quando aparecem os profetas, os abnegados — homens fadados e dispostos a fazer algo pela cultura, pelos seus semelhantes, muita vez sem estímulo e sem recompensa. Como ha acontecido em todos os ramos das ciencias e das artes, temos o estoicismo edificante de Schlemann, interessado desde a juventude pela arquelogia

ESFINGE DO SALTO DO INFERNO
Bico de pena de Hugo Dupin

e, desprovido de qualquer recurso e cultura suficiente, abandonou o lar, tornoc-se marinheiro mercante e, num auto-didatismo invejável aprendeu vários idiomas e adquiriu um grau de cultura bem elevado, vindo, por sua propria conta, fazer as descorbertas das ruinas de Troia, Tirinto, Micenas, etc...

Depois, como seus sequitários, apareceram; Artur Evans que fez grandes descobertas na ilha de Creta, e tantos outros a imitar essas criaturas afeiçoadas que não medem sacrificios em enriquecer o cabedal histórico relativo aos nossos antepassados, numa contribuição inequívoca para a cultura do presente. E, depois das grandes descobertas na Asia Menor, Africa, Creta e toda a costa mediterranea, a atenção dos interessados nesse assunto se voltou para a America, país relativamente novo que muito ainda tem para oferecer ao mundo. Dêsse interesse começaram surgir muitas descobertas não só no campo da arqueologia, como tambem nos páramos da Paleontologia, sobressaindo-se as que foram efetuadas na America do Sul. ..O prof. Bahlis, com bastante critério, documentos fartos e grande devotamento, apresenta-nos coordenadamente um esboço da cultura amerindia, desde o Mexico ás descobertas na Argentina, onde põe em relêvo a contribuição dos irmãos Wagner, no desbravamento do «Grande Império das Planicies», em Santiago del Estero.

Ficamos informados da cultura daquele grande povo que se supunha bárbaro, passando pela sua literatura, pintura, escultura, música, arquitetura e, em tudo, sem exagero, podemos dizer que aquela gente não se distancia da cultura mesopotâmica. E' importante, nesse trabalho, a simplicidade com que o professor discorre sôbre as realizações que tanto lhe empolgam, não deixando uma aresta que não explique com citações e anotações sôbre seus trabalhos anteriores. Por seu intermédio ficamos sabendo que, no México, seu país, os governantes costumam reservar uma verba especial para auxilio e iniciativas dessa natureza o que, ipso facto, é uma atitude extraordinàriamente necessária e merecedora de ser imitada pelos homens de poderes bem intencionados. Não sòmente isso. O que mais nos impressionou no trabalho em lide, foi a parte que se refere a um grande monumento descoberto no Brasil, em1935, para o qual devemos atentar, com vistas ás autoridades competentes... Tráta-se de uma grande estátua, esculpida na rocha e descoberta imprevistamente por um grupo de turistas, entre Curitiba e Paranguá, nasproximidades do «Veo da Noiva», a que se deu o nome de «Esphynge do Salto do Inferno». E' «uma imponente escultura, de grandes dimensões, representando uma mulher sentada em atitude meditativa». Pelo perfil do monumento estampado na obra citada, verificamos tratar-se, realmente, de um admiravel trabalho de escultura, atribuida sòmente a um verdadeiro conhecedor da arte do cinzel, pela singeleza dos traços que apresenta.

O professor, registrando o fato e lamentando a pouca repercussão produzida, tece algumas considerações a respeito de sua origem e, sem duvidar sua semelhança com a estatúaria grega, aduz a im-

possibilidade de ser obra de gregos ou fenícios, argumentando com certos pontos de vistas que não concordamos, mas que, por ora, não nos interessa pôr em evidência, mesmo porque o ilustre professor teve apenas o meritório intúito de registrar o envento. Não nos compete discutir se os faustosos palácios que se tem trazido das entranhas da terra com seus cabedais artísticos, são produtos de uma civilização dominada, ciclópicamente, por legiões de bárbaros, sem que êsses (O que é impossivel) lhes tenha absorvido toda cultura: ou se devemos nos firmar na hipotese de que essas civilizações viveram eu outras épocas e, posteriormente, foram soterradas por grandes cataclismas geológicos. Para nós essa ultima hipotese é mais aceitavel se formos comparar o estalo selvagem em que encontramos os nossos nativos com a cultura grandemente desenvolvida por aquelas civilizações remotíssimas. E não só isso, como tambem o deconhecimento daquelas civilizações, autoriza-nos, mais ainda, a aceitar essa hipótese, mais digna de crédito pelos variados aspectos que oferece!

O que nos interessa, no momento, é essa admiravel descoberta no territorio brasileiro que merece, incontestavelmente, o nosso interesse. Deixamos aquí, registrado, o nosso desejo de que seja esclarecido precisamente êsse «ponto de partida» para a nossa arqueologia — se podemos dizer — ratificando, na integra, o trecho que se segue, da obra pré-citada:

«Si os poderes públicos tomassem interesse pelas pesquisas de caráter arqueologico, possivelmente essa estátua servisse de ponto de partida para descobrir documentos sensacionais referentes ás primitivas populações que habitavam o Brasil nos mais remotos tempos».

«Esse monumento e a cerâmica marajoára vêm provar que exitiram civilizações adeantadas em épocas recuadas.

Taes civilizações desapareceram da mesma forma como desapareceram muitas outras, cujos trabalhos recem-começam a ser descobertos, e de cuja existencia ninguem suspeitava».

Pela «idade de Ouro da Paleontologia», reportagem assinada por Borbarinho, inserta nas páginas de «O Jornal» de 16 do corrente, podemos verificar que o govêrno, por intermédio do Ministério da Agricultura, outros orgãos oficiais e algumas universidades, vem, nos últimos anos, desenvolvendo um grande esforço pelo enriquecimento da paleontologia brasileira, cujos primeiros impulsos, foram despertados por cientistas entrangeiros E' um movimento realmente admiravel que vem atirando aos olhos dos incrédulos as grandes descobertas de fosseis, cujos animais tiveram existencia em vários milhões de anos. Já tendo sido feito descobertas em vários Estalos, como sejam: Rio Grande do Sul São Paulo, Maranhão, Piauí, Bahia e outros mais, os orgãos interessados têm se articulado com verdadeiro devotamento, demonstrando, portanto, uma compreensão mais lúcida no dever que se tem de trazer á luz da ciência as cousas que jazem no desconhecido, e que têm relação com o mundo em que vivemos, vez que a evolução cientifica e cultural, requer a nossa desinteressada abnegação, para o seu enriquecimento, o que feito dara mais uma prova ao mundo sedento de novos saberes, o nosso acervo cultural. Merece aplausos, portanto, essa obra meritória dos poderes públicos.

Pelo exposto, não temos dúvida, que, se o govêrno tem envidado todo êsse esforço no estudo da nossa paleontologia, tambem terá a mesma abnegação para as descobertas arqueológicas, uma vez tratar-se de matéria análoga e permita-nos dizer, de maior valor historico e cultural para a nossa civilização, vez que está mais ligada á nossa vida, á nossa cultura, carecente de um estudo comparativo com os nossos antepassados.

A obra do prof. Jorge Bahlis — um estrangeiro que nos chama a atenção para o estudo de um assunto que devia interessar diretamente á conciencia nacional — vale como uma grande contribuição á ciencia americana, evoluindo-se através da abnegação de alguns estrangeiros, e seguidos pelo dever de seus filhos. E' ainda o ilustre mexicano que, finalizando o seu comentário sôbre a descoberta do rio Ypiranga, escreve:

«Infelizmente a estátua do Salto do Inferno apenas mereceu a atenção dos jornaes, caindo depois no esquecimento»

Continuará no esquecimento?

«Artes Amerindias» é, sem dúvida, uma obra meritoria e serve, para nós, como uma advertência ás pesquisas de caráter arqueológico, que, certamente, merecerão a atenção dos cientistas patricios e dos poderes constituídos.

— PRISMAS DO ESPIRITO —

FRANZ KAFKA

O instante decisivo da evolução humana dura sempre. Por isso, os movimentos espirituais e revolucionários, que declaram nulo tudo o que foi anteriormente, o fazem com razão pois nada ainda se produziu.

— O —

A partir de certo ponto, não ha mais retorno. Esse ponto, porém, é o que é necessário atingir.

— O —

Diferentes maneiras de considerar uma maçã: a da creança, obrigada a estirar o pescoço para vê-la tão somente sobre a mesa, e a do dono da casa que toma a maçã e a tem livremente á sua disposição.

— O —

Existem dois pecados capitais dos quais derivam todos os outros: a impaciencia e a pressa. Por sua impaciencia, o homem foi enxotado do Paraiso; por sua pressa, não volta a êle.

— O —

A desproporção do mundo parece ser, para nosso consolo, nada mais que numérica.

— O —

O primeiro sinal de um conhecimento nascente é o desejo de morrer. Esta vida parece insuportavel; a outra inacessivel. Já não se experimenta a vergonha de querer morrer; se reclama ser transferido da célula que se detesta para uma outra nova que se aprenderá a detestar. Só subsiste uma esperança: durante a transferencia, o Mestre, por casualidade, passará pelo corredor, observará o prisioneiro e dirá: "A esse não deveis encerrar-lhe novamente. Ele vem a mim".

— O —

O verdadeiro adversário te inspira uma coragem infinita.

Os refúgios são inumeráveis; a salvação, única; porém as possibilidades de salvação são tão numerosas como os esconderijos..

— O —

Ha um fim, porém não um só caminho; o que chamamos caminho não é mais que a vacilação.

— O —

O Homem não saberia viver sem a confiança de algo indestrutível em si mesmo; indestrutível tanto que a confiança possa mantê-lo constantemente oculto. Uma das possibilidades de expressão desse permanecer oculto é a crença em um Deus pessoal".

— O —

O espirito não chega a ser livre senão a partir do momento em que deixa de ser um apoio.

— O —

(Seleção e tradução de *Eduardo Martins*)

HOMENS, IDEIAS E LIVROS — I

A Critica, O Critico e a Provincia

GLAUCIO VEIGA

É uma aventura de mau gosto e um convite a uma interminavel situação de dissabores alguem se armar em critico na provincia.

A crítica no mundo provinciano só se concebe e se compreende como um conceito polêmico. E de outra forma não poderá ser porque muito ha que destruir, pouquissimo a defender.

Os defeitos da provincia, todo esse complexo de fatos e atos que implicam um descompasso, um desajustamento com o que existe de mais palpitante e de mais vivo na cultura, na sua mais ampla accepção, não se cristalizam em puras deformações de ordem espiritual.

A estática, a parada no tempo, a ausencia de novos horizontes espirituais e o terror quasi pânico do progresso não somam consequencias de atitudes puramente ideiais.

A persistencia em princípios e dogmas culturais, o entranhamento moluscular em certo estilo de pensamento vai se ligar, em grande parte, as relações economicas.

A dominação, exerce-se através de duas formas, tão cansativamente estudadas por Max Weber: a gerontrocracia e o patriarcalismo originário. Chama Weber de gerontrocacia a situação em que toda a autoridade de um grupo social enfeixa-se nas mãos dos mais velhos. Patriarcalismo, a situação em que, num grupo social, a dominação é empalmada por uma única pessoa, obedecendo a regras hereditárias rijas.

Adiciona a provincia estes dois tipos de dominação. Daí promana o princípio que constitue o embasamento da ideologia ou do espírito de provincia: a crença de que a cultura do individuo está na razão direta de sua idade.

A vida não é vivida no resvalar manso dos dias. Vive-se em atos e não no tempo. Ja o poeta falou dos que passaram pelo mundo em «branca nuvem». Ha aqueles para quem a avareza do tempo foi superada por um terremoto de atitudes corajosas e experiencias desconcertantes.

Encorpa-se, então, na provincia o que poderiamos chamar de «complexo de idade». E os individuos ingressam nos gremios culturais não pelo seu valor mas pela sua idade.

Desse «complexo de idade», ponto nuclear da provincia, alargam-se concentricamente uma serie de corolários: a autoridade do «magister dixit», o elogio reciproco, o horror a critica honesta etc.

Somente uma infra-estrutura econômica poderá sustentar tal super-estrutura: uma infra-estrutura onde a liberdade de iniciativa seria sobrepujada pela adoção do regime do salário estatal — a burocracia.

Mannheim, neste livro tão marcante para nossa época — «IDEOLOGIE UND UTOPIE» — ao focalizar as determinantes politicas e sociais do conhecimento, apontava em primeira plana, o **conservatório burocrático.**

Aplicando a ideia de Mannheim à provincia, cujos habitantes constituem uma maioria repousante de funcionários, poderiamos falar de um conservantismo burocrático, nas letras, nas artes e na cultura, em geral.

Não, por mero acaso, a Academia Paraibana de Letras congregada por dezessete academicos, treze foram ou são servidores públicos, uma supremacia de burocratas que não reponta como um caracteristico da Paraíba mas, de todas as provincias.

Em função, desse regime de salário e de rotina, que molda todo um grupo social surge uma ideologia conservadora, jesutica e jesuitizante. Portanto, um dos motivos para que a critica traga, implicitamente, uma ideia de polêmica e de combate.

* * *

A critica literária, entre nós, está se tornando um gênero perfeitamente desmoralizado. Ou pior, qualquer cousa de hipócrita, de convencional e por isso mesmo inócuo. E a «libertação da provincia» acarreta de qualquer maneira essa desmoralização. O estreitamento do espaço geográfico, apertando as relações sociais, aproximando todos, obriga o crítico ao uso da máscara, ao bifrontismo que atende desde o pedido de emprego até ao temor da agressão fisica.

Como um mediocre e apressado oleiro, a provincia vai modelando, ao seu gosto, os «jarrões», cunhando os «medalhões», favorecendo a inflação do semi-letrado.

Os conceitos, então, se deformam, perdemos as perspectivas das cousas sérias, enquanto nos suplementos cambiam-se elogios, teorizam-se em troca de outros elogios, e de louvaminhas outras.

Ha a preocupação irritantemente mediocre de destruir, de confundir, enfim, nos debatemos numa verdadeira hetero-destruição.

Em resumo, a critica literaria tornou-se um «ângulo de refracção», em lugar de um «ângulo de reflexão». Um prisma e não, um espélho.

Poucos com a coragem e o fervor de Aderbal Jurema para dizer a verdade. Ou, a dramática sinceridade de um Álvaro Lins, abandonando a critica quando sentiu lhe escapar a fé nos valores tomistas.

As entidades culturais da provincia, responsaveis pela segurança do patrimônio intelectual, pelo menos na letra dos seus estatutos, aprimoram-se, cuidadosamente, numa unção mística em catar e recolher para seus quadros sociais aquilo que existe de mais inexpressivo. E' o caso do presidente da Academia Paraibana, meu

(Cont. na pág. 12)

ESTÍGMA

CARMEN DE ARAÚJO LIMA

SEM poder traduzir a angústia de minha vida
na expressão do meu sonho,
na sombra triste dos meus olhos quietos
na minha face dolorida,
na minha boca contorcida
na minha alma sedenta de paz, sedenta de luz,
[sedenta de amor,
serei encontrada como uma rosa emurchecida
que um raio de luar nunca beijou
mas que mesmo assim
da espada do galho em que viveu,
rolando na terra fria
perfuma o ambiente onde incautos transeuntes
esmagam-na indiferentes
sem nada buscarem conhecer
do seu destino de flôr,
do meu destino de mulher,
do nosso forte, implacável
e incompreendido destino.

Anatole France

CYRO DOS ANJOS

II

ESCREVEU Jules Romains que a lembrança de Anatole sempre lhe chegava acompanhada de certo matiz de prazer, de um como sentimento de boas vindas. Tinha a impressão de que, cada vez que folheasse os livros do Mestre, neles encontraria um trecho, adequado ao momento, uma página que lhe afagasse o humor, ou o abrandasse e aclarasse, trazendo-lhe salutar corretivo.

Como explicar êsse dom, que a obra anatoliana possui, de oferecer resposta a todas as solicitações do espírito ou da sensibilidade? — indaga o autor de «Les hommes de bonne volonté». Poder-se-ia atribuir isto à sua extraordinária variedade e riqueza? Jules Romains não o crê.

Parece-lhe que a força de Anatole esta numa espécie de encanto difundido em toda a sua obra, e que conserva eficácia em qualquer ocorrencia. Se melhor se quiser caracterizar a posição do criador de M. Bergeret, poder-se-á dizer que o seu «tom de voz» é o que o distingue essencialmente.

A muitas pessoas êsse tom desagrada. Tacham-no de rebuscado, dizem que se compraz em elegâncias arcáicas; por ainda acusam-no de deixar entrever muita satisfação de si mesmo e (aqui uma alusão aos existencialistas) denotar pouca angústia e tremor.

No que toca ao pretenso arcaísmo de sua prosa, objeta Romains que êste só se manifesta, e com discrição e graça, quando Anatole trata de temas antigos; quando se ocupa de matéria contemporânea, êle não cede aos seus pendores para o arcáico, a menos que por isto se entenda o culto da boa lingua, a aversão às impropriedades, ao estilo pesadão, oo neologismo inútil; e a preocupação de conservar vivos e em pleno uso, rodeios de frase bem acabados, frutos de experiências e apalpadelas de gerações sucessivas.

Quanto à observação de que a «voz» de Anatole é duma suavidade excessivamente estudada e constante, poder-se-ia responder que a eufonia franciana corresponde a uma inclinação e a um esforço total do homem para a harmoniosa sabedoria. Longe de ser obtida com o apagamento da personalidade, constitui, antes, suprema exigência e remate desta. Tal enfonia não resulta de um artificio de retórica: liga-se profundamente a natureza do autor.

A censura mais grave que se faz a Anatole France e a de que denota satisfação de si e excessiva complacencia para consigo, ao passo que cresce totalmente desse sentimento de inquietação que é companheiro de todo artista.

A esse respeito, observa Jules Romains:

«Nunca senti em France nada que se assemelhe à fatuidade». A adoração de si mesmo será sentimento mais encontradiço em certos escritores contemporâneos. E os que acusaram France de beato otimismo certamente o leram mal.

Seria fácil extrair, de sua obra, copiosa compilação de máximas em que se denunciam a tolice, a maldade a crueldade do homem; em que se mostra o seu orgulho, que depressa se transforma em covardia adulatora; e em que se ironizam o seu ridículo mimetismo, a sua velhacaria, a sua sêde de absurdo e de mentira.

Tambem a ferocidade e a credulidade da multidão, a corrupção e a fragilidade das instituições, a hipocrisia das leis e dos costumes, a trapaça universal, o malogro e condenação prévia dos bons e dos puros, nada disto escapou a France, bem como o agachamento da consciência humana, e até da história escrita, diante do êxito.

Acontece, todavia — diz Romains — que France denuncia tudo isto com uma voz que procura não tremer e que, em vez de cultivar ou de exibir a inquiteção, a reprime.

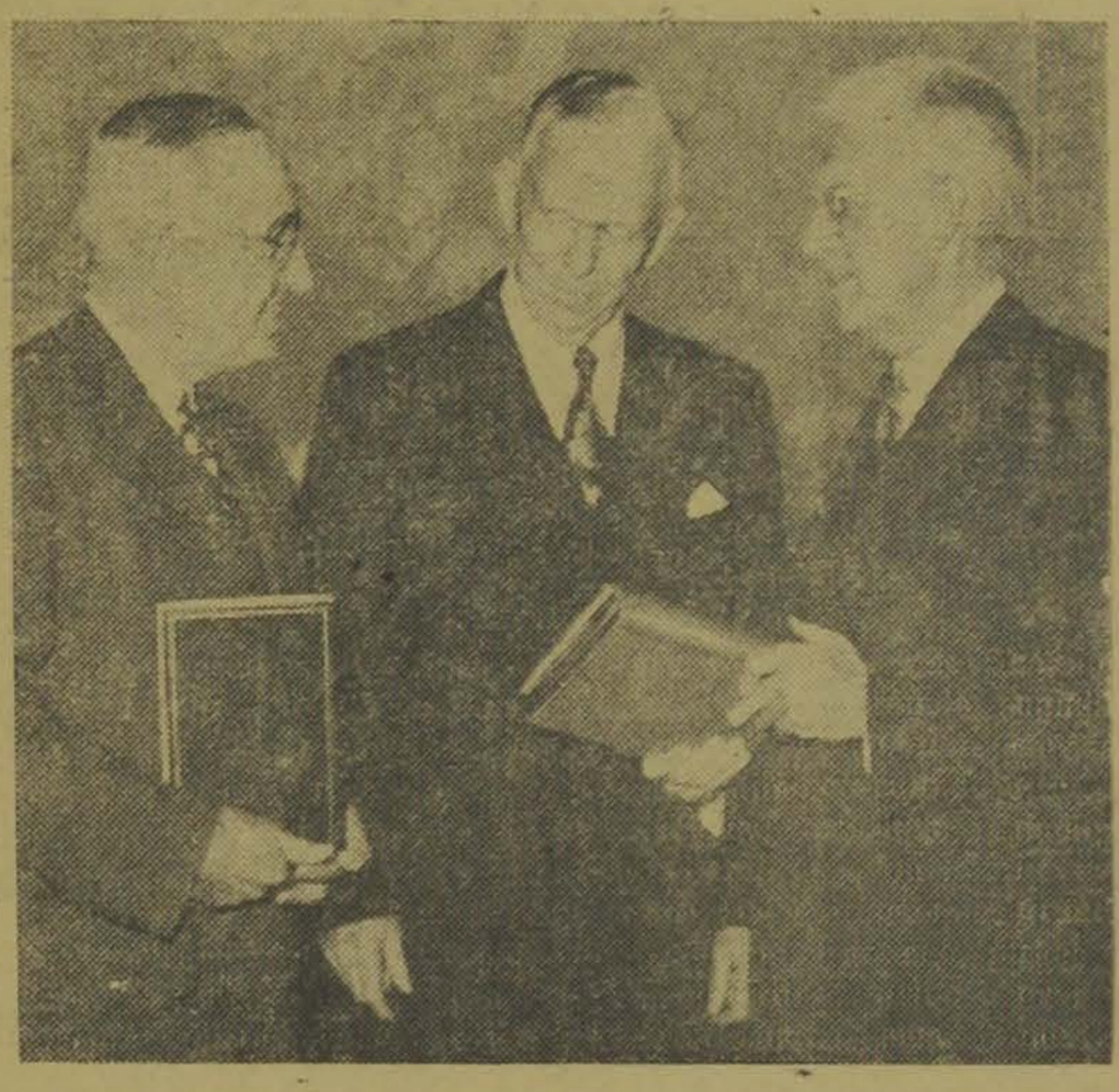
E' a voz de um homem que recolheu de seus mestres antigos e modernos a lição de que não é a epilepsia, nem o «delirium tremens», nem a crise de furor o estado mais elevado e desejável que o homem possa conhecer; e de que não se dá imagem honrosa do homem, simulando tais excessos.

Uma das virtudes da inteligência é — sem que o procure e por sua própria função — poder assumir, em relação aos acontecimentos, uma posição que os domine. E a presença continua da inteligência, na obra de France, é que proporciona aos leitores a impressão, irritante para alguns, de que o autor confia excessivamente em si e se mostra desmasiado contente consigo.

A inteligência é que permite a France manter sua admirável disciplina em face do sentimento, observa Romains.

E lembra-nos que grandes filósofos definiram e recomen-

(Cont. na pág. 12)



EXEMPLARES do primeiro volume dos documentos de Thomas Jefferson, terceiro Presidente dos Estados Unidos, foram presenteados (17 de Maio de 1950) ao Presidente Harry S. Truman e a outros líderes norte-americanos, durante uma cerimônia levada a efeito na Biblioteca do Congresso, em Washington, D. C. Cincoenta e dois volumes serão publicados pela Imprensa da Universidade de Princeton, em Princeton, New Jersey, num empreendimento que levará alguns anos. A coleção conterá a correspondência, documentos oficiais e os trabalhos sobre ciência, arte e literatura, de autoria daquele eminente chefe do executivo norte-americano.

A fotografia, feita na Biblioteca do Congresso durante a cerimônia da entrega dos exemplares do primeiro volume, mostra (da esquerda para a direita) o Presidente Truman, o General George C. Marshall, presidente da Cruz Vermelha Americana e ex-Secretário de Estado, e o dr. Harold W. Dobbs, presidente da Universidade de Princeton.

Artes Plásticas

PAISAGEM — Oleo de De Fiori

A PINTURA DE ERNESTO DE FIORI

LUIZ MARTINS

NA obra pictórica de Ernesto De Fiori, toda ou quasi toda realizada apenas no Brasil, vejo o drama do exilado, a vontade de se integrar totalmente na nova cultura, o desejo de compreender e de sentir a terra, tudo isto se manifestando numa imperiosa e dramática necessidade de renovação.

Nessa especie de improvisação lírica que o fez mergulhar no oceano voluptuoso do colorido, não ha uma negação, uma apostasia, uma renuncia do escultor consagrado, mas a curiosidade de conhecer novos mundos sensiveis, novas provincias da arte, novas possibilidades da plástica. Na terra nova, o exilado quiz reviver, quiz recomeçar a vida. Quiz renovar-se, adotar uma nova linguagem plástica, como adotara um outro idioma.

De fato, poder-se-ia ver em toda a obra pictórica de De Fiori uma especie de contrapartida compensadora da escultura, em que já era mestre antes de chegar ao Brasil. Por isto procurou na pintura o calor, a vida, a luz, a côr, o movimento, a palpitação indecisa do contorno, a confusão violenta das nuances, a captação gloriosa da luz solar em todas as suas deformações e distorsões — tudo que a escultura não lhe poderia dar.

A escultura é o claro-escuro, o desenho rigoroso, a medida, a frieza material, a impossibilidade de expansão na grande embriaguez do colorido generoso e expressionista. De Fiori esculpira, procurara no mármore, no bronze, na pedra, no gesso, na terra-cota, todas as suas possibilidades expressivas, aproveitando, num jogo doloroso e profundamente inquieto, toda a ilusão de sua rude materia. Agredindo violentamente, quasi convulsivamente, o barro que modelava, num jogo inteligente de contrastes, conseguira dar às suas estatuas uma existencia palpitante, bem distanciada do conceito clássico e convencional de imobilidade escultural. Suas estátuas viveu uma inquieta e inquitante vida. Mas isto não bastava ao seu temperamento nervoso, voluptuoso, e lírico. Queria a côr em sua pureza essencial, não conseguida artificialmente como resultado de uma dolorosa procura, mas como instrumento, ou melhor, como elemento de prazer, de gozo, de vitoria. «Pintar é amar», disse Vlaminck. De Fiori queria que a cor fosse o inicio das coisas, a causa e não a consequencia, o princípio fecundador, a fonte da vida. Com a pintura conseguiria ele tambem a compensação do que lhe era vedado pela propria natureza material da escultura, invadindo uma temática mais rica de possibilidades líricas. A esse homem que amava a agua, a esse «sportman» que se embriagava de prazer na represa de Santo Amaro, dominando o pérfido elemento com a segurança de um grande marinheiro, era vedado reproduzir a agua, a imensidão verde e solêne dos grandes lagos e dos misteriosos mares, com a sua arte propria para os sólidos volumes. A pintura, pelo contrário, lhe proporcionava o supremo prazer de recrear, em suas télas, a inconsistencia, a leveza, a profundidade, a luminosidade das grandes planiceis aquosas, tão cheias de sugestões e de misterio.

A aventura pictórica de De Fiori no Brasil decorre, como disse eu, do drama do exilado que quer se apossar de um novo instrumento de expressão. Mas tem, tambem, o seu aspecto dionisíaco, que é o alegre desejo de permanencia no tempo, a renovação, a sobrevivencia, a vitoria sobre a morte. A pintura lhe proporcionava uma nova adolescencia. Na escultura ele chegara ao cume da

suas ambições era um mestre conhecia todos os seus segredos e exigencias, dominava soberanamente a materia. Precisava reconquistar o tempo, voltar aos anseios, às inquietações às pesquisas tateantes do artista que começa. No Brasil Ernesto De Fiori iniciou um novo e derradeiro ciclo de sua vida e de sua carreira artística exprimindo o seu transbordante lirismo nas possibilidades infinitas das côres.

Daí na obra pictórica desse adolescente sexagenário, essa estranha impressão que ela dá de pressa, de inacabado, de febre realizadora. De fato, ele tinha pressa. Pressentia talvez obscuramente a ronda sinistra e próxima do fim antes que conseguisse dar uma definitiva expressão à nova arte que abraçara. Daí essa espécie de embriaguez lírica com que pintava exuberantemente, incansavelmente, infinitamente, recomeçando sempre, sempre se retificando, jamáis satisfeito, jamáis chegando a dar aos seus quadros uma solução final. Todo nessa pintura apaixonada nos dá uma sensação violenta do provisório, de transitório, de existencia em evolução. Mas, por isto mesmo, porque a vida é movimento e inquietação, porque a vida nunca pára, porque a vida é uma retificação constante de formas e de atitudes — como é rica de vida essa obra que parece esperar o dia seguinte para amadurecer, como os frutos, para se completar para se realizar em formas definitivas!

Assim, pois, na pintura de De Fiori, podemos encontrar vestigios esquemáticos de dois simbolos — o individuo exilado, e o aspecto dionisiaco de renovação — simbolos que não decorrem propriamente de interpretação temática, mas de uma atitude fundamental do artista e do homem diante da vida. Entretanto, o estudo critico dos têmas adotados poderia nos levar a compreender melhor essa nova situação. Já me referi ao carater de recuperação da obra pictórica, em oposição à escultura, obrigada, pela insuficiencia de sua propria materia, a certas limitações temáticas. Falei em suas marinhas. Ha ainda as batalhas medievais, em que o artista tanto se exercitava em jogar com a movimentação brilhante das côres. Aquele confuso tumultuar de ritmos só poderia ser realizado em tela ou papel. O gesso, o bronze, o mármore se recusavam à movimentação, ao dinâmismo, à simultâneidade: o senso da monumentalidade exige certa economia certa sobriedade, certa ordem, que são o segredo de sua nobreza constitucional.

De um ponto de vista puramente formal, extraíremos, como já sugeri, o drama da transitoriedade da obra em processo de evolução continua, da pressa, do medo, do pavor de um tardio reflorescimento, inconcientemente advertido de que o tempo era escasso e que a vida do homem é ineludivelmente limitada. Assim, toda a pintura de De Fiori é uma luta dramática contra o destino, o tempo e a morte.

Toda grande obra de arte tem um sentido profundo e secreto, que lhe dá vida e caráter. O símbolo, entretanto, não reside no imediatismo dos têmas tratados, no seu sentido superficial e evidente. E' necessário descobri-lo em sua propria essencia, em sua unidade inicial, que é a força movimentadora e germinal. Na pintura de De Fiori, todo o seu sentido profundo se poderia dizer que é o cansaço da realidade, manifestado num doloroso desejo de evasão.

Ainda aqui o fato não é evidente, porque sua obra não apresenta um aspecto sistematicamente onírico, uma violenta quebra de padrões representativos, apesar de que os seus São Jorge e suas batalhas medievais possam ser encaradas não apenas como excelentes pretextos para exercicios de pura plástica, sinão tambem como evocações de uma realidade transcendente. Todavia, mais do que essas fugas talvez intencionais, era a propria pintura, o proprio fato de pintar, que o protegia das exigencias de um tremendo passado. Ele queria esquecer completamente o mundo em que vivera. Queria recomeçar no Brasil uma nova existencia, tão completa, que comportasse uma experiencia inédita de sua capacidade artística.

Procurava assim renegar as brutalidades, os horrores de um mundo dominado pela força, a estupidez, e a miseria. Nesse mundo ele vivera, fôra um grande escultor. Lá deixara, com a mocidade esperanças, realizações, amizades, trabalhos, amores e sofrimentos. Mas agora era [illegible] que o nazismo torturava o espirito, asfixiava a inteligencia, perseguia a cultura e já fazia prever, na sua ferocidade inhumana e saudita realidade os campos de concentração.

A pintura de De Fiori, expressão formal de sua nova vida, é portanto, logicamente, uma anteposição constante de sua escultura. E' certo que o artista não poderia esquecer o que sabia, não poderia alheiar-se do cúmulo de aquisições técnicas que o longo convívio com a materia plástica lhe trouxera. Assim, o escultor era um grande desenhista e, na pintura, essa qualidade deveria transparecer com evidencia na composição das figuras. Mas o pintor procurava disfarçá-la diluindo o contorno, deformando intencionalmente, pesquisando mais os efeitos decorrentes da expressão colorista do que a construção severa do desenho. Um outro detalhe, e este caracteristico de improvisação, na pintura de De Fiori, é que, em geral, seus quadros não se restringiam a uma construção aprioristica, a um esquêma inicial. O quadro ia saindo impulsivamente, expontaneamente, e muitas vezes era necessario ao artista compensar certos desequilibrios de construção introduzindo, na composição já quasi acabada, um elemento de última hora. Mas a maioria desses quadros eram encarados pelo proprio artista como simples exercícios. Numa inquietação constante, ele os refazia incessantemente, modificava-os, repintava-os. O proprio material que muitas vezes usou, frágil e destinado à uma vida efêmera, demonstra o sentido provisório que ele emprestava a esses trabalhos. Pode-se talvez afirmar que deixou magníficos esboços, não porque o sejam de fato, mas porque foi esse o carater que ele lhes deu, na pressa nervosa com que os pintava, os refazia, os modificava — conciente sempre de que não alcançara talvez a forma definitiva que sonhava.

(CONTINÚA)

SÃO JORGE — Oleo de De Fiori

SONHO E REALIDADE

Novela de ROSIRIS NOVAIS MEIRA DE MENEZES

I

NO JARDIM daquela residência, senhorial e bela, passeiava, entre os canteiros floridos, uma mulher, já avançada em anos. Seus cabelos eram quase totalmente, brancos; o rosto enrugado; o corpo, ainda ereto; os passos arrastados. E os olhos? Estes conservavam-se incólumes, através dos tempos, brilhando animados por uma chama interior, que parecia transmitir vida e calor onde pousavam.

— "E' preciso chamar Manuel, para vêr estas roseiras. Agora, não; estou cansada... Onde botaram minha cadeira? Estes empregados são um caso sério... Já não aguento mais... Achei!...

Fatigada, com o exercício, sentou-se e ficou imóvel, na contemplação das flores e dos arabescos que a luz e a folhagem traçavam no solo. Momentos depois, cerrou as pálpebras, a claridade cançara seus olhos.

— "Faz tanto tempo que não vem carta de Margarida... Que terá acontecido? Quando ela era pequena e Ricardo ainda vivia vinhamos para aqui. Ela sentava-se em minhas pernas e divertia-se com os meus brincos. Suas mãozinhas eram tão macias... Por que ela não escreve? Estará doente? Quando Margarida terminou seus estudos..."

Pouco a pouco a recordação foi tomando conta de seus pensamentos. Ela não ofereceu resistencia. Recordar, sobretudo para o velho, significa viver, porque, já não tendo forças suficiente para enfrentar a vida, abandona-a, isto é, sai do palco e fica nos bastidores, cedendo lugar à nova geração, que surge, estuante de entusiasmo e coragem. O velho, mergulha, cada vez mais, na torrente de seus pensamentos, nem sempre otimistas. Vemos, então, subir á tona o tédio, o enfado, ficando aborrecido consigo mesmo, porque enxerga, quando já é tarde demais, ocasiões em que deveria ter feito algo de bom. Deixou-se, ao em vêz, levar pelo egoismo, afundou-se, mais e mais, na monotonia de seus dias vazios. Sente-se decepcionado...

Há, entretanto, o velho que pouco tem a lamentar — aquele que soube amar; aquele que soube viver; aquele que soube compreender a finalidade última de sua existencia, como criatura humana; aquele que, não se deixou abater pelo vendaval das paixões, que traz em si o germem da desgraça; aquele, enfim, que sentiu pulsar violento no peito um grande amor pelos que sofrem, repartindo sem escolha seu sorriso compreensivo, suas palavras amigas, sua dedicação.

Feliz o homem que, na velhice, tem para relembrar fatos agradáveis ocorridos em uma longa jornada e que recordados produzem uma sensação de paz e tranquilidade...

—o—

Ao vermos um indivíduo, desconhecemos, é claro, as lutas íntimas que travou nos corredores inatingíveis do seu ego, para trazer ao exterior um gesto bondoso, um olhar compassivo, reprimir um movimento de ira ou antipatia. Agindo ,desta maneira, justifica o que disse a grande Alia Rochmanova:

— "Há no coração do homem um rouxinol a cantar"....

De fato, criado para o amor, êle guarda uma grande reserva de ternura, que infelizmente, ás vezes, não transparece por faltar oportunidade...

O problema é equilibrar o órgão que pensa com o que sente, para evitar excessos.

Por isso, o preço da felicidade não é pequeno, ao contrário, é fabuloso, uma vez que a verdadeira felicidade consiste na renúncia, e renunciar significa sofrer... Renúncia esta, que é o tudo e o nada, em uma existência, porque supõe o aniquilamento paulatino e infalível de nosso egoismo, em provimento de outrem. E assim, quando contrafeitos e aborrecidos, somos forçados pelas leis naturais a violentar nossos sentimentos, retribuindo com alegria a um sorriso amável; falando com delicadeza a alguém, que talvez, tenha amanhecido do "contra"...

E a vida continua seu curso, cheio de anfractuosidades, cheio de surpresas, como uma cadeia de montanhas, onde, a cumes elevados, opõem-se abismos profundos, existindo, acidentalmente, vales tranquilos e serenos...

—o—

Magnólia Rique, sentada em uma cadeira confortável, relembrava, na quietude daquela manhã, sua vida que fôra tão cheia

Nascera pobre. Quando tinha dez anos seu pai morreu, e então começou para a garota uma série de lances imprevistos.

Sua mãe, ao perder o marido ficou devendo muito. Seu irmão, homem milionário, riquissimo, apareceu na casa do morto, após o entêrro.

— Não Jorge, muito agradecida, mas não posso ir morar em sua casa, deixando Magnólia em um orfanato. José era doido por ela, e eu podendo mantê-la, não tenho coragem de abandoná-la.

— Abandonar? Quem disse isso? Ela ficava, algum tempo estudando, aprendia muita coisa útil e depois, quando estivesse grande lhe ajudaria...

— Magnólia, sem precisar orfanatos, me ajuda...

— Alice, veja que eu tenho razão. Sejamos francos. Escutes você não tem meios para a

---

POEMA

CLOVIS ASSUMPÇÃO

ESTAÇÃO ferroviária de Cacequi.

Um homem parecido com Boris Karlof
toma guaraná.

A gare multiplica-se
nos autofalantes
e nos gritos dos mensageiros.

As composições escorregam docemente
pelos trilhos,
sem motivos predominantes.

Debaixo dos apitos agudos
povoam-se os intersticios
e as paredes perdem a solidez.

Quem ama os trens
sorri à pouco e pouco
entre as loucas navalhas.

sustentar; ao menos, ela teria roupa e comida. Nenhuma despesa ,tudo dado pelo govêrno.

— Jorge! Cale-se! Quem vê você assim, bem vestido, risonho e satisfeito, não pode imaginar quanto você é ruim, desalmado, interesseiro. Pelo amor de Deus, vá embora com suas riquezas e seus conselhos, e me deixe em paz...

—o—

Estas palavras, Magnólia, ainda as escutava...

Como ela tremera ao ver decidido seu destino!...

Separar-se de sua mãe, para talvez não a ver mais nunca...

O mêdo dilatou seus olhinhos negros, ficou pálida, com a respiração alterada e, quando seu tio Jorge foi embora e d. Alice fechou a porta, o choro irrompeu, calmo, sentido e doloroso.

Mamãe, não quero ir, não me deixe sózinha, êle quer me separar de você...

Os bracinhos lançaram-se com avidez áquela que significava tôda a sua alegria, sua esperança. A cabeça, ela abandonou naqueles ombros, que sabia, fortes e amigos.

— Não, minha filha. Você não vai. Não chore assim... sou eu que estou pedindo.

— Mamãe! tenho mêdo!

— Mêdo de que, meu anjo? Veja como sua mãezinha está tranquila. Magnólia, não chore! Enxugue suas lágrimas e venha ajudar sua mãe. Daqui a pouco d. Elzar manda buscar o vestido. O pranto cessou... a mágua permaneceu e ela falou com a voz salpicada de lágrimas.

— Que vestido bonito! Quando crescer quero um vestido, assim; igualzinho a êsse. Você faz?

— Faço, se puder. Se você me ajudar a ganhar dinheiro, se estudar muito, se mais tarde se empregar...

—o—

Os dias se passavam...

D. Alice trabalhava velando pelo confôrto de sua filha, para lhe assegurar a manutenção. Magnólia seguia satisfeita as pegadas maternas. Era inteligente e não gostava de desperdiçar seu tempo, a brincar com crianças da rua. Quando regressava das aulas ia ajudar nos trabalhos domésticos. Assim, dêste modo, viviam aquelas duas criaturas, santificadas por um esfôrço honesto e pela resignação.

D. Alice costurava bem e sabia conservar sua numerosa clientela. Se pudesse estabelecer um atelliet...

As semanas decorriam. Os mêses se escoavam. Nenhum sinal de Jorge. O irmão mesquinho não tornara a aparecer.

Depois de muito tempo, veio um dia sua esposa, Marina. Mulher elegante e bonita; tipo estátua. O carinho e a ternura que sempre caracterizavam o elemento feminino, passara distante, do seu sêr e se possivel afastavam-se sempre mais. Em suas palavras havia veneno:

— Alice, como você está magra! Coitadinha, está se acabando. Por que não vai para nossa casa? Você me fazia companhia e Magnólia brincava com os meninos e podia ajudar na arrumação!...

— E impossivel. Estou abatida por que trabalho muito, preciso sustentar minha filha, educá-la...

— Jorge, falou para você a internar no orfanato, não foi?

— Foi. Mas não quero, prefiro tudo a largá-la em um orfanato ou... fazê-la criada. Se pudesse montava um atellier. Jorge podia me ajudar, êle é rico, mas é cauira... Afinal, não estou pedindo nada... E' melhor mudar de assunto.

— Não vou falar a Jorge. A nossa situação não é muito bôa, em todo o caso, vamos fazer o possível.

Marina tagarelou mais algum tempo. A cunhada nem a escutava direito. Para que? Ouvir futilidades e... a visita foi embora. D. Alice suspirou; antes de ir para a máquina mudou a posição de um jarro, na mesinha do centro. Respirou fundo, e reconheceu aquêle cheiro. Era o perfume de Marina... Um dia, já bem longínquo, ela também usara... Fazia tanto tempo; naquela época era jóvem e rica, seus pais eram vivos...

Para que pensar?!...

— "Agora, o que me resta? — Costurar, para não morrer de fome. O passado não enche barriga de ninguém".

Caminhou para o interior da casinha. Sentou-se. Deu início ao trabalho e enquanto cozia cantava uma canção...

Magnólia chegou da escola. Vinha contente. Já tinha escurecido. As luzes lá fora se acenderam. Alguém bateu á porta. A menina foi atender. Era um moleque com dinheiro...

Homens, ideias e livros — I

A CRITICA, O CRITICO E A PROVINCIA

(continuação da pág. 7)

mestre inesquecível do Liceu, valendo-se do prestígio de sua aristocrata inteligencia, impondo o nome do sr. De Castro e Silva, ofendendo, dessarte involuntariamente o que existe de mais fulgurante na propria Academia de Letras porque os revelou, a todos, a batola acanhada do sr. De Castro e Silva.

O abastardamento da critica literária é uma forma, não digo de decadencia porem de perplexidade, em que vivemos.

Cuidado, esta secção que faz seu «début», não tangenciará pela bastardia, nem o seu Autor é um perplexo. Ha muito, desde os verdes anos que se traçou um rumo: a sobrevivencia da inteligencia e da cultura, custe o que custar. Logico, portanto; arroteando está uma futura sementeira de inimizades.

Disse o salmista: «Pacifico sou, porem quando eu falo já eles procuram guerra» (Salmo 120,7).

ANATOLE FRANCE

(continuação da pág. 8)

daram a alegria intelectual dela ministrando exemplo, suas altas meditações, mas poucos nos têm mostrado como introduzi-la na vida codidiana, como aplicá-la ás conmais humildes, à maneira de um tônico benéfico.

Nesse sentido, France foi mestre da arte de viver. Centenas de milhares de leitores de todos os países lhe dedicaram, por isto, mais que uma admiração passageira: dêle se fizeram amigos, no sentido pleno da palavra.

Não o consideravam como autor jocoso ou divertido. Dele esperavam essa dádiva de luz sútil, que subitamente colore e transfigura o mundo circundante.

«Muitos conheci — remata Jules Romains — que, mergulhados nos sofrimentos sem nome que nossa época tem prodigalisado, conseguiam momentos de consolação e de compensação, quando o acaso lhes punha ao alcance uma página do abade Jerôme Coignard, ou a narrativa de um dos seus altos feitos, na versão de Jacques Tournebroche».

«SILENCIO DO MEU DESTINO»

Em magnifica edição, acaba de aparecer «Silêncio do meu destino», livro de versos de autoria do poeta e escritor Paula Achiles.

Como tôdas as obras do já consagrado autor «Outono que vai passando e «Brasil e Oeste», para só falar em duas das suas últimas produções, o novo livro de poesias que Paula Achiles nos oferece é mais uma demonstração da invulgar capacidade literária e do primoroso estilo que já nos acostumamos a admirar no maravilhoso continuador de Bilac.

Um Governador da Paraíba na Época do Brasil — Colonia

APOLONIO NOBREGA

O Captitão-mór JOÃO DA MAYA DA GAMA tomou posse do govêrno da Paraíba em julho de 1708, havendo sido datada de 12 de abril do mencionado ano a respectiva Carta de mercê que o investia nas aludidas funções.

Nascido em Aveiro, Portugal, no ano de 1673, era filho do casal Luiza da Gama e Pedro de Oliveira.

Cêdo, abandonando o curso de filosofia da Unversidade de Coimbra, abraçou a carreira das armas. Como simples soldado, tomou parte em 1692, na campanha da Indía. Certa vez, ao dobrar o Cabo da Boa Esparança a náu «Conceição». João da Maya da Gama é acometido de grave enfermidade, naquela época conhecida como MAL DE LINHA. Com êle, foram também acometidos do mesmo mal, os infelizes degradados da cadeia de Limoeiro, permanecendo nesta situação, durante cêrca de um ano. Continuando péssima a situação sanitária dos viajantes da aludida náu, próximo de Moçambique, outra surprêsa os havia de infringir: O MAL DE LUANDA, «motivado pela pestilencia das aguas e do mau estado dos almentos» Depois de sofrer a reviravolta dos ventos, a «Conceição», é vitima de terrivel incendio, sendo finalmente salva após penosos sacrificios. Os repetidos contratempos desta prolongada viagem, agravadas, depois pelas chuvas de 1693, fizeram aquela náu atingir Moçambique, onde a morte rondava a cabeceira do vice-rei o conde de Vila Verde e de João da Maya da Gama.

A «Conceição» continuava a navegar e padecer as horriveis tormentas dos mares do Oriente. Depois de sofrerem fome, sede e toda qualidade de repetidos temporais, os denodados passageiros da náu portugueza tem a satisfação de atingir á barra de Goa.

Na capela dos Reis Magos, o futuro gevernador dos paraibanos assistiu á posse do novo Vice-Rei da Goa.

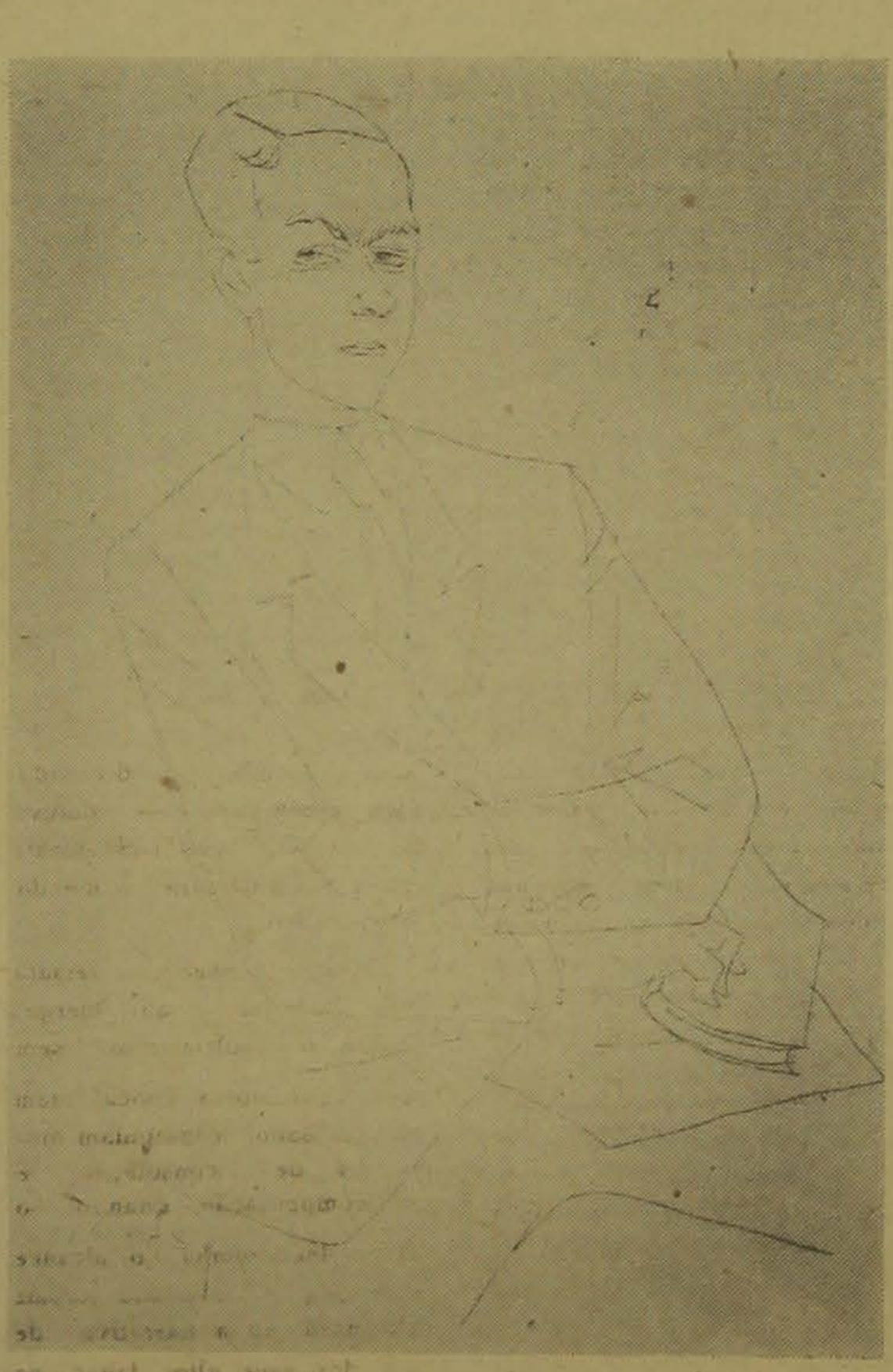
Todavia, outra respeitavel missão estava reservados ao nosso biografado. Os moiros iniciaram em 1697, o cerco de Mombaça, que, segundo depoimento do historiador F.A. Oliveira Martins, no seu excelente livro «UM HEROI ESQUECIDO» (publicado em Lisboa, pela Divisão de Publicações e Biblioteca, Agencia Geal das Colônias 1944), «terminaria ao fim de quatro anos de luta em transe de incrivel bravura que o decorrer dos seculos tornou lendaria».

João da Maya da Gama já estava elevado ao posto de capitão de fragata da náu «Conceição», capitania da armada portugueza nos mares orientais. Lutou bravamente na defesa da bandeira de sua patria, tendo no porto dóe Congo sofrido um tiro de CAITOCA praticado pelos moiros.

Durante a guerra de sucessão, fez a campanha de Alentejo à frente da cavalaria. Foi audacioso e bravo, tendo a ventura de ver dominado pelo seu Exercito, o inimigo aguerrido e lutador.

Apesar do melindroso estado de saúde, foi socorrer Gibraltar dos ataques ferozes da armada franceza. Tão destacada e brilhante foi a ação militar do ilustre filho do Aveiro, que recebeu grandes honras e premios.

Com a saúde restabelecida, foi entregue a João da Maya da Gama, em 1708, o governo da Paraiba, «que exerceu a contento durante nove anos».



Desenho de Fernando Lanhas, Portugal

Substituindo a Fernando de Barros e Vasconcelos, quando D. João V, acabava de atingir o trono portuguez, o novo governador trazia ordens severas para concluir as obras militares, inclusivemente a Casa da Polvora. É oportuno recordar-se a inscrição deixada pelo intrepido cabo de guerra e previdente administrador naquele DEPOSITO DE POLVORA, cuja historia, tanto o provecto conego dr. Florentino Barbosa, quanto o saudoso coronel Estevão de Avila Lins, evocaram brilhantemente, nas paginas da Revista do Instituto Historico e Geografico Paraibano, (volumes 7º e 9º pags. 49 e 22, respectivamente).

«Reinando em Portugal o muito alto e poderoso Senhor Nosso D. João V e governando esta Capitania João da Maya da Gama se fez este armazem. Ano de 1710».

Não foi calma e tranquila a gestão de João da Maya da Gama a frente do governo da Paraìba. Entrou em guerra com os Tauyos Pegas e Curemas que estavam convulsionando os sertões da Capitania, tendo contado nesta energia com os capitães-móres Teodosio de Oliveira Lêdo e Luís Soares.

Promoveu, outrossim, o incremento da agricultura paraibana, prestigiando medidas úteis e de reconhecida necessidade.

Reportando-se ao governo de Maya da Gama, escreveu o doutor Maximiano Machado: «A cultura do algodão, á que se entregavam os indios com sua natural indolencia nas terras secas ou de caatinga, deste os seus primeiros tempos, e com o qual teciam as redes em que dormiam, mostra que a rica malvácea é originaria do país. Agricultada depois pelos portugueses em escala mais larga, e, quando já não encontraram outras terras senão aquelas, por ali se foram estendendo, edificaram grandes casas para depositos da colheita e descaroçamento, recolhendo por fim tão vantajados lucros, como o senhor de engenho no fabrico do açu-

car». (in, «Historia da Provincia da Paraìba», pág. 344).

tentou Maya da Gama onexar á Paraiba, as capitanias do Rio Grande do Norte e Itamaracá; tomou secretamente conhecimento da existência de minas de ouro e de prata na Capitania; cumprindo as determinações de várias Cartas Régias de 1711, arbritou ao armeiro e salário anual de quarenta mil reis; criou Juizes ordinários e escrivães nos distritos dos sertões; mandou os Religiosos da capitania pagarem dizimos de seus bens á Fazenda Real; arbitrou, ainda, o ordenado do prátco de Cabedelo em trinta mil reis, e váras outras medidas prudentes e oportunas que foram anotadas pelo inesquecivel Irineu Pinto, nas suas «Datas e Notas para a História da Paraìba», vol. I, págs. 103, 107).

Entretanto, quando a figura de João da Maya da Gama mais se apresenta vivia e interesante aos olhos da posteriorídade, é por ocasião da chamada Guerra dos Mascates. Sofreu o capitão-mór da Paraìba, a acusação de ter sido o principal provocador da sublevação dos «Mascates» de Recife.

O venerando historiador pernambuco Mario Melo, esreveu: «Teve o Governador-Geral conhecimento de que principal incitador do levante dos recifenses fôra o capitão-mór da Paraiba. Escreveu, em tal sentido, ao Senado-Câmara de Olinda, em 8 de agosto, admirado do procedimento do capitão-mór da Paraiba João da Mata, de ter provocado a sublevação dos moradores do Recife, como cabêça do levantamento.

«Por ser parcial de quem foi e é o prnicipal instrumento dos donos (referencia a Sebastião Castro e Caldas em) opressões e ruinas que capitania tem experimentado».

(in, «A Guerra dos Mascates como afirmação nacionalista», pág. 61).

Replicou o honrado capitão-mór da Paraiba as acusações estava sofrendo, tendo lançado o «Manisfesto», datado de 18 de Julho de 1711, que não foi bem recebido por D. Lourenço de Almeida, governador geral, tanto assim que esta última autoridade rudemente lhe respondeu:» extranhando asperamente haver-se metido em semelhante negócio não se estendendo a sua jurisdição mais que a quanto compreende o têrmo da Paraìba».

Apesar das advertências superiores, João da Maya da Gama continuou no propósito de intervir na guerra dos Mascates, tendo expedido fôrças para Goiana (Pernambuco), comandadas por Luiz Soares.

Depois de cumprida dramaticamente, a sua missão, foi João da Maya da Gama e xonerado das funções governamentais, assumindo em maio de 1717, o cargo de capitão-mór da Paraìba, o sr. Antonio Velho Coelho.

Pela Carta Régia de 26 de janeiro de 1722 foi nomeado governador e capitão-general do Grái Pará.

Um dos seus primeiros atos, no novo posto administrativo brasileiro, foi determinar «averiguação sôbre a forma como se praticavam os cativeiros dos indios que davam as violências confessadas desbragadamente sendo os selvagens considerados pelos inimigos da Companhia FERAS INDIGNAS DE PROTEÇAO E PIEDADE

Maya da Gama tentou ampliar as explorações agricolas, industriais e territoriais havendo determinado as pesquisas em buscas de minas de ouro nas margens do Tocantins. Pacificou o Maranhão, cujos selvagens destruiram engenhos e plantações de cana, tendo a fortuna de ver intensificar-se as culturas do algodão e da cana de açúcar, bem assim, o inìcio das grandes criações de gado cavalar e vacum.

O nome de João da Maya da Gama ficou ligado para sempre nas crônicas históricas da introdução do café no Brasil. A grande visão de estadista do Brasil-Colônia, deve-se o célebre REGIMENTO passado ao então Sargento-mór Francisco de Melo Palheta instruindo-o para nos sertões amazônicos tratar negócios de fronteiras com a Guiana Francesa, trazendo, disfarçadamente, daquela possessão, sementes de café para ser plantadas em terras brasileiras.

Referindo-se, ainda, ao governo de Maya da Gama, publicou Oliveira Viana: «Foi fértil em operações militares o govêrno de Maya da Gama. Assim, coube-lhe ainda reduzir à obediencia os índios rebeldes os Araruás que seguiam os franceses, hostilizando-nos, instigados por aquêles, operação de que resultou o encontro e fixação de limites do Brasil com a França. Contudo, não só á Companhia pertenciam todos os loiros da ocupução dos territorios mais recônditos do nterminável Pará-Maranhão, pois, a frei Matias, da Ordem do Carmo, coube a fundação, ordenada por Maya da Gama, de novas aldeias de índios de Manaus» (volume I, pág. 52).

A 14 de abril de 1728, transmitiu João da Maya da Gama o govêrno da capitania paraense a Alexandre de Souza Freire.

João da Maya da Gama, recebeu, a 6 de setembro de 1727, um ofício do Conselho Ultramarino, «na qual se pediam certos informes relativos ás queixas que Silva Nunes constemente renovava no intuito de alimentar a guerra que trazia declarada aos padres da Companhia».

Apésar da alteração de saúde, nosso biografado teve de atender as determinações do Rei, no sentido de visitar e fiscalizar as barras dos rios do Norte e dar parecer sôbre o estado das administrações do Piauì, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraiba e Pernambuco.

«A 5 de setembro de 1728, o P. Mestre Henriques, da Companhia de Jesús — descreveu o preclaro padre Serafim Leite, S.J. — «entrou em terras do Piauí, em companhia do governador Joãc da Maya da Gama, que voltava ao Reino e ia inspecionar as Capitanias até Pernambuco. Do que fez e observou no Piauì, di-lo o próprio govérnador, no seu DIARIO DA VIAGEM. Toma a defesa dos moradores do Piauì contra as violências de Garcia de Avila; entre as medidas que preconizou, uma e três vêzes, era a fundação de uma Vila, que fôsse a Capital, no lugar, que efetivamente é hoje Terezina» (in, «História da Companhia de Jésús no Brasil, vol. V, pág. 561).

Aportando do Ceará, passou a barra do Camoropim, cortando a serra da Ibiapaba, indo atá Camocim. Depois de uma peregrinação de 44 dias, chegou á vila de Fortaleza, que «ao tempo, já prosperava, contando 130 casas de telha, algumas mesmo muito capazes, casa da Câmara, aldeia de índios e uma igreja com bastante prata».

Depois de transitar pelo Rio G. do Norte, João da Maya da Gama, chegou, a 22 de abril á Paraiba. E' interessante transcrever-se ás impressões do antigo chefe paraibano do estado em que encontrou a velha Capitania, da qual — Oliveira Martins publica no II volume de «Um Herói Esquecido», o DIARIO que Maya da Gama deixou de suas inspecções. Depois de referir-se á viagem penosa que efetuou «com os cavalos a nado», debaixo de impertinentes chuvas, o ex-governador da Capitania alude o estado da inspecção feita da fortaleza de Cabedelo.

Todavia — escreveu o seu eminente biografo — «notava ter deixado a fortaleza com esplanadas e quarenta e seis peças de artilharia montadas em reparos novos, com seus sobressalentes. Agora, apertava-se-lhe o coração ao ver as esplanadas de madeira consumidas e podres; a artillaria desmontada ou com os reparos quebrados ou podres tambem. Das quarenta e seis peças, que deixara, apenas nove se encontravam montadas em seus reparos!»

Mais adeante, Oliveira Martins, ainda nos retransmite a desoladora situação da Paraiba, de então: «A incúria administrativa, sete anos de seca e um começo de dilúvio, de que Maya da Gama havia sofrido as consequências, tinham pôsto a capitania, que outrora governara com tanto desvêlo, na mais triste condição. Sôbre isto ninguem se entendia ferviam as queixas e as intrigas — as embrulhadas — que Maya da Gama com o seu tino e movendo o espirito de concórdia que sempre lhe assistia, desejava acalmar, propondo uma geral anistia e o rasgar de documentos, de papelada, que uns e outros exibiam rancorosamente, fortalecendo suas razões» (vol. I, pág. 71).

O governador Souza Freire, tentou por todos os meios e processos, criar um ambiente de terror contra os membros da Companhia de Jesús. Desde os primeiros momentos que se empossou no govêrno do Grão Pará, tornou-se aquela autoridade inimiga terrivel dos benemèritos jesuitas.

João da Maya da Gama, entretanto, repeliu as cavilosas acusações do seu antecessor, que se fizera autêntico turiburário do marquês de Pombal. Assim, esclareceu a lenda da nonegação do oiro pelos venerandos discìpulos de Inácio de Loióla. Tôdas as acusações levantadas aos missionários do Pará e do Maranhão, João da Maya da Gama teve serena e enérgica atitude de defesa perante o Conselho Ultramarino, que o havia convocado para falar entre os jesuitas e os moradores locais.

«A resposta de Souza Freire — de cuja sinceridade o Conselho Ultramarino duvidou, apelando para a autoridade do an-

(Continúa na página 15)

VARIAS

CONCURSO PERMANENTE DE CRONICA

Imitando o exemplo de algumas revistas com relação ao conto, procurando assim, estimular e desenvolver os novos valores da nossa literatura, a revista GUAIRA, que se edita na cidade de Curitiba, acaba de instituir um «concurso permanente de crônica».

A iniciativa da revista paranaense é das mais louvaveis, pois o gênero crônica, tão depreciado por determinado grupo, encontra na maioria dos leitores, grande aceitação.

No seu número de junho, GUAIRA publica as bases dês se interessante concurso, e convida todos os cronistas tanto da nova como da velha geração, a concorrerem ao mesmo.

Assim, em cada mês, serão julgadas as crônicas que forem remetidas àquele mensário, oferecendo-se ao autor que alcançar o primeira lugar, a quantia de Cr$ 300,00.

Esse gesto de GUAIRA merece a atenção de todos os que procuram estimular as vocações literarias do país, e, decerto, terá a melhor repercussão em nossos meios culturais. C.

«Kaputt», o livro mais lido e apaixonadamente dicutido nestes últimos anos, é ardente e luminoso como uma tocha, e «horrivelmente alegre e cruel», segundo definição de seu autor, Curzio Malaparte, que viveu capítulo a capítulo todo o dantesco conteúdo desta obra-prima tão singularmente original.

Assim se refere Atílio Dabini a êste livro que já alcançou ressonância universal: «Na realidade, é todo um livro indireto, que parece resultar de um jôgo, sendo cada sensação espelho de outra sensação, cada situação espelho de outra situação», são «os horrores vistos na guerra concebida como «paisagem objetiva», na qual não é a ação dos exércitos o que se bate, mas a ação de «Kaputt», êste monstro «alegre e cruel», esta dura e quase misericordiosa palavra alemã que literalmente significa rôto, acabado, despedaçado».

«Kaputt» foi integral e esmeradamente vertido ao vernáculo pelo consciencioso tradutor Mário da Silva e publicado em luxuoso volume, enriquecendo com artística sobrecapa do pintor Jan Zach, pela Editôra Prometeu, da capital bandeirante.

SINCLAIR LEWIS, O MAIOR

NA opinião da maioria dos críticos literários dos Estados Unidos, Sinclair Lewis é o autor que maior influência teve no desenvolvimento da literatura norte-americana durante a primeira metade deste século. Isso foi apurado pela Universidade de Florida, que acaba de realizar um levantamento dessas opiniões. Lewis exerceu sua influencia não só com suas excelentes novelas realizadas sobre a vida da classe media nos Estados Unidos, tais como «Main Street» (1920) e «Balbitt» (1922), mas também com sua critica e com o incentivo que proporcionava aos jovens escritores de talento. E' Lewis, de certa maneira, o pai da moderna literatura norte-americana. O mesmo levantamento tambem revelou que os criticos consideram «An American Tragedy» (1925), de Theodore Dreiser, e «Gone With the (E O vento Levou) 1936, de Margaret Mitchell, como sendo os dois livros mais importantes do século, de autoria de escritores norte-americanos.

Um Governador

(Cont. da pág. 14)

tigo governador João da Maya da Gama», como muito bem evocou Oliveira Martins, valeu-lhe, êste respeitável despacho do Procurador da Fazenda: «— Vendo esta longa informação de João da Maya da Gama me parece deve-la ter por mui livre e desinteressada e verdadeira (pelo que) se não deve fazer caso da do governador atual, nem dela tirar coisa alguma. Conquanto a não reputе de falsa a não posso deixar (de ter) por suspeitosa» (vê, «Um Herói Esquecido», vol. I, pág. 83).

A saúde do ex-governador João da Maya da Gama estava inspirando dobrados cuidados. Nova e grave crise infecciosa tomou conta do organismo combalido do valente defensor de Gibraltar. Finalmente, a 11 de novembro de 1731, desaparecia do ról dos vivos aquele militar brioso e bravo, administrador austero e realizador — que na ordem cronológica dos governadores da Paraiba nos tempos do Brasil-Colônia, ocupa o 33º lugar, e que a nossa história aponta como uma das mais notáveis figuras do seu tempo.

A HISTORIA DAS LINGUAS

SEGUNDO o critico Cliton Fadiman, «The Story of Language» (A Historia das Linguas), de Mario Pei, é «quase que uma popularização perfeita de um assunto sempre fascinante». O dr. Pei dividiu sua obra em seis seções. Na primeira, dá um esboço histórico da evolução dos dialetos e linguas, e das relações que ligam uns a outros. A segunda seção trata das questões de sintaxe e de semantica, e a terceira discute a função social das linguas e suas relações com o procedimento humano. A parte IV apresenta um estudo ligeiro porém fascinante de todas as linguas modernas. A quinta parte trata dos problemas do ensino de linguas, e a seção final analiza as possibilidades de desenvolver uma lingua universal.

Manon Lescaut» é uma das quatro ou cinco obras-primas universais que contam maior número de edições e de traduções em tôdas as línguas cultas.

Os séculos não conseguiram envelhecer esta imortal e maravilhosa Manon, cujo encanto só poderá extinguir-se no dia (chegará alguma vez êsse dia?) em que o coração humano fôr incapaz de amar.

«Manon» tem sido fonte inesgotável de inspiração, para poetas, músicos, pintores e escultores. Não morrerão as óperas que Massenet e Puccini compuseram cantando a amada de Des Grieux.

A tela não podia subtrair-se à fascinação que exerce êste romance incomparável. Quantas vêzes «Manon Lescaut» foi filmado pelo cine mudo e pelo sonoro?

De «Manon Lescaut», a pecadora que foi adorada por Des Grieux e imortalizada pelo abade Prévost, uma nova tradução vernácula, feita com primor invulgar por Celestino da Silva, acada de ser publicada pela Editora Vecchi, em sua coleção «Os Maiores Êxitos da Tela», em um elegante volume, enriquecendo com belas reproduções cinematográficas.

Correio das Artes

Ano II Número 45 — Suplemento Literário de A UNIÃO — João Pessoa, Paraíba — Sábado, 5 de agosto de 1950

A ARTE DE TRADUZIR

ANTONIO VIEIRA DE MELO

TRADUZIR prosa à altura do original — não há dúvida que se pode. Pode-se até melhorar o original, como fez Eça de Queiroz em «As Minas de Salomão». Plutarco se engrandece nas mãos de Amyot.

A tradução da Bíblia por Lutero cria a língua alemã moderna. A tradução da Bíblia para o inglês pela comissão de teólogos de 1611 resultou num livro de influência longa e profunda sôbre o posterior desenvolvimento da literatura anglo-americana, influência maior que a do próprio Shakespeare.!

Eu tenho cá uma tese, com sérios argumentos, de que, à raiz do romantismo como escola, tal qual o revelou ao mundo Mme de Stael no seu livro «Da Alemanha», se encontra a tradução de Shakespeare por Schlegel. Quem pode negar que as traduções dos românticos ingleses e alemães por Joukovsky figuram entre os agentes mais fertilizadores do surto da literatura russa do século dezenove?

A crescente aproximação e interpenetração dos povos, a crescente desbabelização das nações que nem o contingenciamento cultural fascista conseguiu abarreirar, todos os dias torna mais fácil o papel do tradutor.

Êle não tem de defrontar mais o obstáculo da transposição de palavras referentes a costumes totalmente diversos entre si. O mundo se estandardiza. O escritor terá de palpar ràpidamente as caracsteristicas humanas, que têm tradução em qualquer língua, sob a evanescente crosta das caracteristicas nacionais, expressas não raro em idiotismos inconversíveis.

Não haverá mais necessidade de adaptar o original para tornar a tradução compreensível.

E' claro que quanto maior o escritor, quanto mais abeberado nas correntes, universais e nas constantes da natureza humana, mais fácil de traduzir e mais resistente aos maus tratos do tradutor. Todos nós tivemos a nossa maluquice por Dostoievsky ou Tolsti, chegou a lavrar uma epidemia dita de Tolstoievsky, e todos nós sem um níquel de russo no bolso.

O humanismo se alarga, mostrando o acerto genial dos antigos, quando acreditaram no valor de certas categorias espirituais acima de fronteiras. No fim, só o humano sobrevive.

Benedetto Croce, lógico com sua estética formalista, e baseada no primado do lírico, nega tôda possibilidade de tradução à poesia. Evidente é que, sendo a lingua poética em essência baseada sôbre as relações secretas, e insuspeitadas pela tribo, existentes entre as palavras comuns, relações cuja descoberta como que rejuvenesce e lixa a moda verbal desgastada e enferrujada, mais difícil se torna a obtenção do timbre, da cor, da música e do poder encantatório da surpresa poética — quando não lhe correspondem na lingua do tradutor as equações verbais capazes de substituir o original — ou falta ao tradutor mediunidade suscetível de reincarnar o momento poético, o estado de graça poética do autor.

A aliança da fidelidade ao texto com o poder de captação poética, isto é, a competência técnica ajudada da intuição artistica — eis o ideal.

Quem pode contestar a Odorico Mendes um saber imenso do latim, um saber espantoso? Nenhuma falha técnica!

Mas a leveza alada de Vergilio nos surge no portuguez de Odorico, patinhando com pés de chumbo.

Entretanto Bocage, bom latinista, conquanto menor latinista que Odorico, mas soberbo poeta, dotado do gênio divinatório, ah, Bocage — o maior tradutor dos antigos em nossa lingua! — como ele sabe restituir-nos Vergilio, Horácio ou Martial!

Castilho Antônio, quando passa Molière para o português, é como quem transforma um ágil esquilo num rinoceronte. Já traduzindo Ovídio, que êle amava acendradamente, como o velho salta, levipede e dútil!

Júlio Dantas dissolve a fôrça cósmica, os relâmpagos hiperbóreos do «Rei Lear» num banho-maria açucarado, que enjôa até ao vômito.

O velho Pedro II como tradutor, que desgraça! O Dante, na unha do velho Vila da Barra, outra calamidade!

Já Rostand nada perde na conversão de seu ouro para a circulação forçada de Porto Carrero.

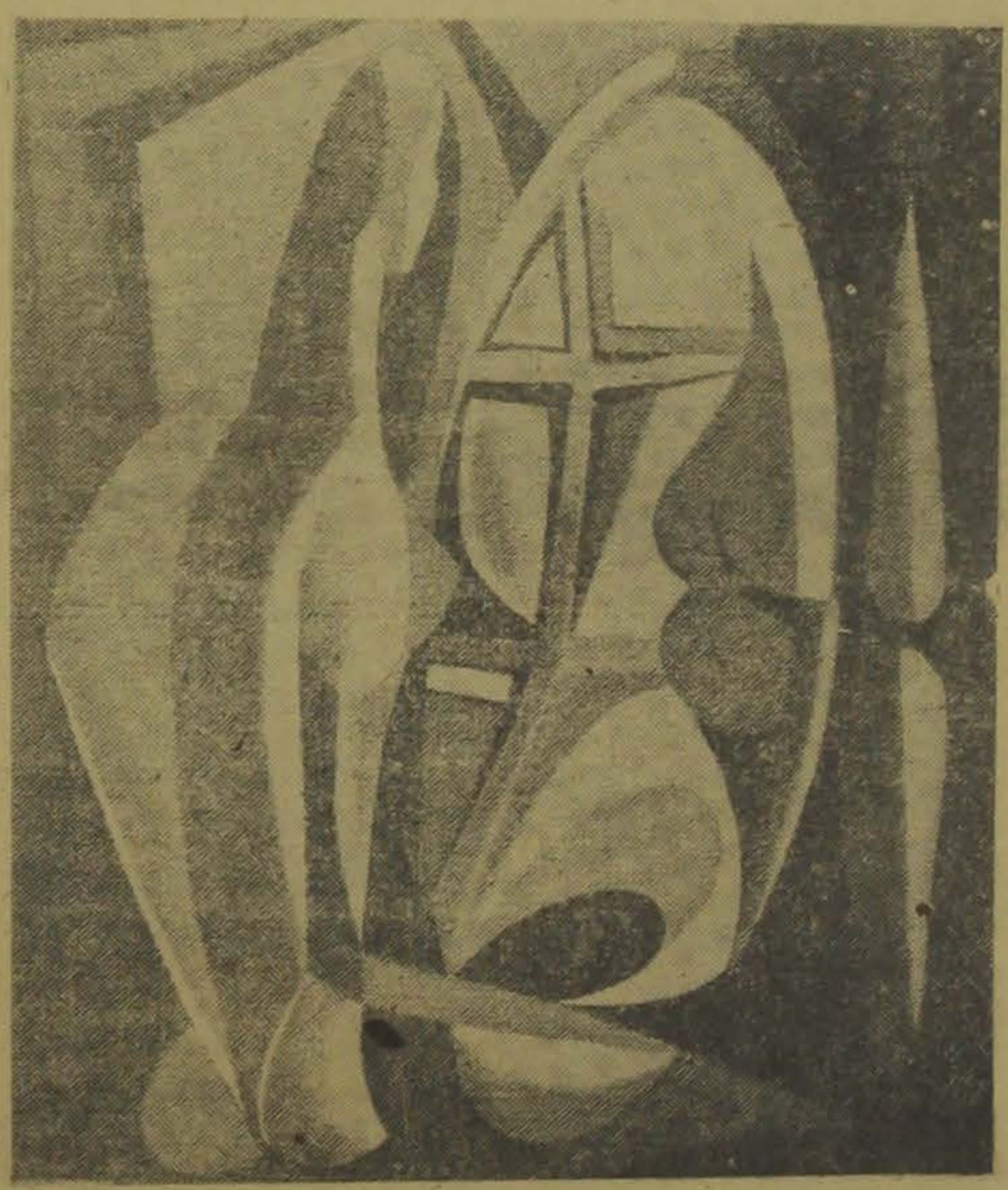
Baudelaire não poderá queixarse de Guilherme de Almeida. Mas o Goethe deve estar esperando a sra. Klabin com tormentos incriveis, para se vingar da tradução com que ela o massacrou.

Trabalhada com a capacidade recriadora de Machado de Assis ou de Gondim da Fonseca em «O Côrvo», a tradução é uma obra de arte autônoma, pertencente ao tradutor tanto quanto ao autor. Os Rubayat, de Fitz-Gerald, pertencem tanto a êle, quanto a Omar Khayam. Baudelaire traduzido por Guilherme de Almeida ou ainda, superiormente, pelo poeta inglês Stefan George, incorporou-se à obra dos dois tradutores.

Podem não raro essas traduções recriadoras cometer falhas técnicas. As que os filologos apontaram na tradução de Sofocles, por Hoelderlin, não impediram de ela

(Continúa na página 2)

PINTURA PARAIBANA



MULHER DIANTE DO ESPELHO — Oleo de Santa Rosa